

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

**LIDIANE CAVALHEIRO DE OLIVEIRA**

**REDES SOCIAIS E BULLYING VIRTUAL: UM  
ESTUDO DE CASO COM ALUNOS DO  
ENSINO MÉDIO**

**Porto Alegre  
2012**

**LIDIANE CAVALHEIRO DE OLIVEIRA**

**REDES SOCIAIS E BULLYING VIRTUAL: UM  
ESTUDO DE CASO COM ALUNOS DO  
ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

**Orientador(a):  
Fernando Favaretto**

**Porto Alegre  
2012**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

**Reitor:** Prof. Carlos Alexandre Netto

**Vice-Reitor:** Prof. Rui Vicente Oppermann

**Pró-Reitor de Pós-Graduação:** Prof. Vladimir Pinheiro do Nascimento

**Diretora do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação:** Profa:  
Liane Margarida Rockenbach Tarouco

**Coordenadora do Curso de Especialização em Mídias na Educação:** Profa:  
Liane Margarida Rockenbach Tarouco

## RESUMO

O tema bullying, proposto neste estudo está amplamente sendo discutido e faz parte dos debates atuais, principalmente na área escolar. As escolas à cada dia estão encontrando novos desafios, e diante disso sentem a necessidade de modificações em todo o seu contexto escolar. Muito se tem falado em bullying, mas o fato, é que existe uma outra maneira de se praticar o bullying sem ser exposto a identidade do praticante, que é o caso do bullying virtual ou cyberbullying onde o praticante realiza as agressões, os insultos, através de mensagens difamatórias ou ameaçadoras através dos meios eletrônicos, das diferentes tecnologias que estão à disposição de nossos jovens em grande parte nos lugares que ele frequenta. O estudo tenta analisar, interpretar e compreender as repercussões nos conceitos daqueles que são participantes de redes sociais, acerca do bullying virtual, através de suas respostas, as quais possibilitarão a leitura dos sentimentos dos alunos diante das dificuldades, desafios, superações, ações e experiências diante do bullying virtual. A pesquisa é de caráter qualitativo, na modalidade estudo de caso e os instrumentos utilizados para a coleta de informações foram questionários com perguntas semi-abertas. A análise dos dados demonstrou que os jovens participantes da pesquisa, todos eles, tem acesso e utilizam algum tipo de rede social, o número de vítimas de “bullying virtual” entre os participantes, felizmente, ainda é baixo, se comparado ao número dos participantes da pesquisa que são praticantes de “bullying virtual” que é o dobro do número de vítimas, o número dos participantes que são espectadores é bastante relativo, ou seja, são os que identificam as ações de “bullying virtual” em suas redes mas nada fazem, para tentar modificar esta situação. Não há como negar que os avanços tecnológicos contribuíram muito para o surgimento desse novo fenômeno, com isso, é preciso que todos estejam atentos ao uso correto desses meios virtuais, precisamos despertar em nossos jovens uma consciência crítica para que eles mesmo saibam avaliar suas atitudes, priorizando sempre o respeito pelo outro, de forma que antes de agir, causando algum mal, ele possa refletir sobre o que sua atitude poderá causar aos seus semelhantes.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1: Onde você tem acesso a internet.....</b>	<b>29</b>
<b>Figura 2: Você utiliza alguma rede social?.....</b>	<b>31</b>
<b>Figura 3: Você acha que existe idade adequada para o uso de uma rede social.....</b>	<b>33</b>
<b>Figura 4: Você já identificou a ação de bullying virtual?.....</b>	<b>34</b>
<b>Figura 5: Você já foi vítima de bullying virtual na sua rede social?.....</b>	<b>35</b>
<b>Figura 6: Se caso tenha sido vítima, como você se sentiu diante da situação?.....</b>	<b>37</b>
<b>Figura 7: Você já praticou bullying virtual – insultou, agrediu, fez ameaça, fez brincadeiras ofensivas, constrangeu alguém?.....</b>	<b>38</b>
<b>Figura 8: Se caso tenha praticado bullying virtual contra alguém, como você se sentiu?.....</b>	<b>39</b>
<b>Figura 9: Se caso você tenha sido vítima de bullying virtual, para quem relataria ou solicitaria ajuda?.....</b>	<b>40</b>
<b>Figura 10: Você conhece alguma estratégia de segurança no espaço virtual?.....</b>	<b>41</b>

## SUMÁRIO

<b>1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>6</b>
<b>2 PENSANDO AS MÍDIAS E SEUS USOS.....</b>	<b>9</b>
<b>2.1 Mídias na Educação.....</b>	<b>9</b>
<b>2.2 Bullying Virtual ou Cyberbullying.....</b>	<b>14</b>
<b>2.3 Redes Sociais e Internet.....</b>	<b>18</b>
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>25</b>
<b>3.1 A Definição do Método do Estudo.....</b>	<b>25</b>
<b>3.2 Os Critérios para Escolha dos Participantes do Estudo.....</b>	<b>27</b>
<b>3.3 Instrumentos de Coleta de Informações.....</b>	<b>27</b>
<b>4 O QUE TÊM A NOS DIZER OS ADOLESCENTES SOBRE O BULLYING VIRTUAL.....</b>	<b>29</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>45</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>48</b>

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O tema bullying proposto, neste estudo está amplamente sendo discutido e faz parte dos debates atuais, principalmente na área escolar. As escolas à cada dia estão encontrando novos desafios, e diante disso sentem a necessidade de modificações em todo o seu contexto escolar.

Muito se tem falado em bullying, mas o fato, é que existe uma outra maneira de se praticar o bullying sem ser exposto a identidade do praticante, que é o caso do bullying virtual ou cyberbullying onde o praticante realiza as agressões, os insultos, através de mensagens difamatórias ou ameaçadoras através dos meios eletrônicos, das diferentes tecnologias que estão à disposição de nossos jovens em grande parte dos lugares que ele frequenta.

É impossível olhar ao nosso redor e não perceber as tecnologias que nos cercam, são várias as possibilidades e facilidades que elas nos oferecem em nosso dia-a-dia, da tecnologia mais simples como uma caneta até os mais avançados computadores portáteis que carregamos no bolso, á um simples “clicar” temos o “mundo” em nossas mãos, podemos realizar compras, conhecer diferentes lugares, interagir com diferentes pessoas, planejar nossas aulas pesquisando os mais variados assuntos, enfim, entre muitas outras vantagens que as diferentes mídias nos oferecem.

Segundo Brasil (2012, p. 1),

estamos vivendo em um mundo em constantes mudanças. Essas mudanças foram aceleradas nos últimos dez anos, principalmente pelos avanços científicos e tecnológicos que, juntamente com as transformações sociais e econômicas, revolucionaram as formas como nos comunicamos, nos relacionamos com as pessoas, os objetos e com o mundo ao redor. Encurtaram-se as distâncias, expandiram-se as fronteiras, o mundo ficou globalizado. As novas mídias e tecnologias estão relacionadas com todas essas transformações.

Já se sabe que nos dias de hoje muitos de nossos jovens e crianças passam mais horas em frente a TV e na internet do que na aula. De acordo com o Buckingham (2011) se somarmos o tempo dedicado a outros meios de comunicação, internet, rádio, revistas e videogame, o consumo de mídia na infância só perde para o período de sono.

Com a chegada e o crescimento acelerado da tecnologia, surgiu uma nova forma de intimidação, que ultrapassou o aspecto físico presencial - o *Cyberbullying* – uma forma dissimulada de *Bullying*, em que as agressões são virtuais. É quase uma extensão do que dizem e fazem na escola, mas com o agravante de que as pessoas envolvidas não estão cara a cara, é um meio de agredir ocultamente, pois podem utilizar nomes falsos ou se passar por outra pessoa. É uma forma de agredir não fisicamente, mas ferir a moral da vítima. O uso incorreto dos meios tecnológicos, a falta de limites e o anonimato fazem eles pensarem que nada irá acontecer e por serem menores de idade serão defendidos e com seus direitos cumpridos, tudo isso são motivos para o início da prática do bullying virtual.

O bullying virtual é caracterizado por agressões, insultos, difamações, maus tratos intencionais, contra um indivíduo ou mais, que usa para isso os meios tecnológicos. Avilés (2009) o define como uma forma de “assédio entre iguais através do celular e da internet”, em que as agressões são feitas “através das novas tecnologias de informação e comunicação, em espaços virtuais”. (p. 79) (AVILÉS apud TOGNETTA, L.R.; BOZZA, T. L., 2010)

Não podemos negar que o avanço das tecnologias contribuiu para este novo acontecimento, não há como ignorarmos a situação, pois os jovens trazem essa realidade para a sala de aula já que isto faz parte de sua vida. De acordo com Buckingham (2011) este assunto já faz parte de nossa sociedade globalizada e cabe a escola orientar os alunos a utilizar essas mídias de maneira consciente e não apenas ficar denunciando os “perigos” do uso da internet, da televisão, entre outros, fazendo com que avaliem as suas escolhas de forma crítica, o que pode contribuir e acrescentar nos seus conhecimentos.

No entanto, ao mesmo tempo em que nos permite uma flexibilidade no seu uso, uma liberdade ao teclar e editar através da tela de um computador ou celular sem se preocupar com detalhes de escrita correta, normas bibliográficas, fotos com boa resolução, não há um controle rigoroso, você cria e se quiser pode postar para

milhões de pessoas no mundo todo visualizarem, nos permite uma liberdade de expressão... Mas até que ponto os jovens sabem lidar com isso? Com as descrições do problema surgem outros questionamentos sobre o tema em estudo que são: De que maneira eles utilizam as diferentes mídias? Quais as experiências pessoais que já tiveram com cyberbullying? Foram vítimas ou praticaram? Porque as pessoas praticam cyberbullying?

Estes são alguns dos questionamentos que surgiu durante a descrição do problema, que se pretende responder ao longo do trabalho.

## 2 PENSANDO AS MÍDIAS E SEUS USOS

### 2.1 Mídias na Educação

É impossível olhar ao nosso redor e não perceber as tecnologias que nos cercam, são várias as possibilidades e facilidades que elas nos oferecem em nosso dia-a-dia, da tecnologia mais simples como uma caneta até os mais avançados computadores portáteis que carregamos no bolso, á um simples “clicar” temos o “mundo” em nossas mãos, podemos realizar compras, conhecer diferentes lugares, interagir com diferentes pessoas, planejar nossas aulas pesquisando os mais variados assuntos, enfim, entre muitas outras vantagens que as diferentes mídias nos oferecem.

Segundo Brasil (2012, p. 1),

estamos vivendo em um mundo em constantes mudanças. Essas mudanças foram aceleradas nos últimos dez anos, principalmente pelos avanços científicos e tecnológicos que, juntamente com as transformações sociais e econômicas, revolucionaram as formas como nos comunicamos, nos relacionamos com as pessoas, os objetos e com o mundo ao redor. Encurtaram-se as distâncias, expandiram-se as fronteiras, o mundo ficou globalizado. As novas mídias e tecnologias estão relacionadas com todas essas transformações.

Cada vez menores, com ótimas resoluções, fácil manuseio, com designs sofisticados, as tecnologias que hoje encontramos no mercado são inúmeras, a mídia televisiva contribui muito para a divulgação desses artefatos tecnológicos que crescem em escalas elevadas, os maiores consumidores das mídias são em grande parte os jovens e crianças e que hoje são conhecidos como alunos da geração digital, como explica Silva (2009), “o aluno da geração digital, que tem levado a atitude para dentro da escola e exigido uma nova sala de aula”.

Lembrando que todas essas transformações acontecem de alguns anos para cá, em uma velocidade que para nós professores, às vezes, fica difícil de acompanhar, pois são tantas as situações que acontecem que quando percebemos nossos alunos já estão eufóricos, curiosos nos questionando sobre o nosso conhecimento sobre as tecnologias, por um lado nos assusta pois, são muitos os questionamentos, mas por outro nos motiva a procurar as respostas, e sair dessa zona de conforto, que às vezes, nos encontramos.

“Ao interferir nos modos de perceber o mundo, de se expressar sobre ele e de transformá-lo, estas técnicas modificam o próprio ser humano” (BELLONI, 2005, p. 17).

Precisamos nos permitir essas mudanças e refletir sobre a presença das tecnologias em sala de aula, para que possamos utilizá-las de forma criativa, mas também crítica, pois é necessário avaliar qual o tipo de mídia mais adequada para o desenvolvimento dos diferentes assuntos e objetivos que temos.

Quando ouvimos falar em tecnologia, normalmente nos vem à cabeça a ideia de complexos artefatos tecnológicos, de forma que não nos damos conta de que utilizamos diversas tecnologias que já estão incorporadas ao nosso cotidiano. Podemos citar como exemplos simples: canetas, lápis, talheres, óculos, termômetros etc. (BRASIL, 2012)

De acordo com Brasil (2012)

tecnologia é um termo usado para atividades de domínio humano, embasada no conhecimento, manuseio de um processo e ou ferramentas e que tem a possibilidade de acrescentar mudanças aos meios por resultados adicionais à competência natural, proporcionando desta forma, uma evolução na capacidade das atividades humanas, desde os primórdios do tempo, e historicamente relatadas como revoluções tecnológicas.

Segundo Belloni (2005) a terminologia *TIC* (tecnologias de informação e comunicação), especificamente, envolve a aquisição, o armazenamento, o processamento e a distribuição da informação por meios eletrônicos e digitais, como rádio, televisão, telefone e computadores, entre outros. Resultou da fusão das tecnologias de informação, antes referenciadas como informática, e as tecnologias de comunicação, relativas às telecomunicações e mídia eletrônica. As possibilidades são infinitas e inexploradas, e vão desde as “casas ou automóveis inteligentes” até

os androides reais e virtuais para finalidades diversas, incluindo toda a diversidade de jogos on line. (2005, p. 21)

Belloni (2005, p. 7) constata que a introdução das tecnologias de informação e comunicação ao longo do século 20 trouxe para o cotidiano das pessoas uma série de mudanças nos modos de acesso ao conhecimento, nas formas de relacionamento interpessoal, nas instituições e processos sociais, entre outras. A vida cotidiana está hoje mergulhada nas modernas tecnologias de comunicação, e isso traz grandes desafios para o campo da Educação, tanto em termos de intervenção quanto de reflexão. Citando Porcher e Friedmann, a autora destaca que o mundo contemporâneo é caracterizado por uma tecnificação crescente, não só do mundo do trabalho, “mas das outras esferas da vida social, o lazer, a cultura, as relações pessoais” (BELLONI, 2005, p. 17).

Nos dias atuais, tornou-se necessário criar espaços para a identificação e o diálogo entre várias formas de linguagem, permitindo que as pessoas se expressem de diferentes maneiras. A linguagem, por si só, já constitui um instrumento de interação entre o pensamento humano e o seu meio. Essa comunicação pode ocorrer de modo direto ou pode ser mediada por outros instrumentos e artefatos (tecnologias). (BRASIL, 2012)

Brasil (2012) explica que na atualidade, mídias é uma terminologia usada para: suporte de difusão e veiculação da informação (rádio, televisão, jornal) para gerar informação (máquina fotográfica e filmadora). A mídia também é organizada pela maneira como uma informação é transformada e disseminada (mídia impressa, mídia eletrônica, mídia digital...), além do seu aparato físico ou tecnológico empregado no registro de informações (fitas de videocassete, CD-ROM, DVDs).

Brasil (2012) considera que o indivíduo se desenvolve e interage com o mundo utilizando suas múltiplas capacidades de expressão por meio de variadas linguagens constituídas de signos orais, textuais, gráficos, imagéticos, sonoros, entre outros, as mídias passam a configurar novas maneiras para os indivíduos utilizarem e ampliarem suas possibilidades de expressão, constituindo novas interfaces para captarem e interagirem com o mundo.

É impossível separar o humano de seu ambiente material, assim como dos signos e das imagens por meio dos quais ele atribui sentido à vida e ao

mundo. Da mesma forma não podemos separar o mundo material menos ainda sua parte artificial das ideias por meio das quais os objetos técnicos são concebidos e utilizados, nem dos humanos que os inventam, produzem e utilizam. Acrescentamos, enfim, que as imagens, as palavras, as construções de linguagem entranham-se nas almas humanas, fornecem meios e razões de viver aos homens e suas instituições, são recicladas por grupos organizados e instrumentalizados, como também por circuitos de comunicação e memórias artificiais. (LÉVY, 1999, p. 22).

Já se sabe que nos dias de hoje muitos de nossos jovens e crianças passam mais horas em frente a TV e na internet do que na aula. De acordo com o Buckingham (2011) se somarmos o tempo dedicado a outros meios de comunicação, internet, rádio, revistas e videogame, o consumo de mídia na infância só perde para o período de sono.

De acordo com Buckingham (2011) este assunto já faz parte de nossa sociedade globalizada e cabe a escola orientar os alunos a utilizar essas mídias de maneira consciente e não apenas ficar denunciando os “perigos” do uso da internet, da televisão, entre outros, fazendo com que avaliem as suas escolhas de forma crítica, o que pode contribuir e acrescentar nos seus conhecimentos.

Brasil (2012) diz que as tecnologias e as novas linguagens de comunicação estão cada vez mais presentes em salas de aulas, a interatividade que as mídias oferecem com diversas imagens, movimentos e sons, atrai as gerações mais jovens.

O mesmo autor explica que

criar espaços para o uso dessas novas formas de linguagem e o diálogo entre elas ajuda os alunos a trazerem a sua realidade cotidiana para a sala de aula e a se expressarem conforme o seu mundo. Ao mesmo tempo, a discussão sobre as influências das mídias na sociedade ajuda a desenvolver o olhar crítico do aluno sobre o complexo jogo de poder e marketing que, sutilmente, permeia os meios de comunicação. (BRASIL, 2012, p. 3)

De acordo com Brasil (2012 p. 3)

a mídia impressa, a televisão, o vídeo, o rádio, a Internet, a hipermídia são ótimos recursos para mobilizar os alunos em torno de problemáticas, quando se intenta despertar-lhes o interesse para iniciar estudos temáticos, desenvolverem projetos ou trazer novos olhares para os trabalhos em andamento. Para tanto, é importante estabelecer quais os objetivos pedagógicos das atividades e quais as características principais das mídias disponíveis. Nesse último aspecto, os alunos são excelentes parceiros dos professores.

O advento das TIC revolucionou nossa relação com a informação. Se antes a questão-chave era como ter acesso às informações, hoje elas estão por toda parte, sendo transmitidas pelos diversos meios de comunicação. A informação e o conhecimento não se encontram mais fechados no âmbito da escola, mas foram democratizados. O novo desafio que se abre na educação, frente a esse novo contexto, é como orientar o aluno, a saber, o que fazer com essa informação, internalizá-la na forma de conhecimento e, principalmente, como fazer para que ele saiba aplicar esse conhecimento com autonomia e responsabilidade. (BRASIL, 2012 p. 8)

Compreender as diferentes formas de representação e comunicação propiciadas pelas tecnologias disponíveis na escola, bem como criar dinâmicas que permitam estabelecer o diálogo entre as formas de linguagem das mídias, são desafios para a educação atual. (BRASIL, 2012 p. 8)

Leite (2008) estimula uma reflexão sobre diferentes momentos da cultura e como eles impactaram a forma de elaborar e representar o conhecimento. Ela defende que os educadores se perguntem de qual maneira querem que a mídia deve ser integrada ao processo pedagógico e, ao mesmo tempo, sugere que não seja de uma forma tecnicista, como mero recurso de apoio.

A mesma autora defende que os educadores devem interagir com a mídia sem cobrança educativa, mas a partir de sua adequação à proposta pedagógica em questão, integrando-a ao processo educativo em consonância com a abordagem da tecnologia educacional. Além disso, ressalta que a escola de hoje deve ser “problematizadora, desafiadora, agregadora de indivíduos pensantes que constroem conhecimento colaborativamente e de maneira crítica. Nessa perspectiva o educador deve ser mais do que nunca um “estimulador, coordenador e parceiro do processo de ensino e aprendizagem e não mais um transmissor de conhecimento fragmentado em disciplinas”.

É uma questão de ensinar as crianças a desenvolverem e exercitarem seu julgamento e a serem seletivas com relação àquilo que compartilham na torrente de conteúdo oferecido pela mídia. É uma questão de conhecimento teórico, mas também de habilidades práticas. A participação real na produção da mídia tem grande importância. A combinação de análise e experiência de produção fornece aos jovens uma base melhor para avaliar o que vêem e ouvem e as habilidades de

produção os capacitam a agir para mudar e corrigir estereótipos e imagens da mídia. (CARLSSON, 2002, p. 15)

Se, como afirma com propriedade Feilitzen (2002) a educação para a mídia não pode, de acordo com os direitos da criança, protegê-las de certos conteúdos dos meios de comunicação coletiva, pode, no entanto, evitar exageros que comprometem ainda mais a crise moral do nosso tempo. A educação para a mídia deve implicar uma tentativa para reorientar ou mudar o conteúdo de sua produção, por intermédio da própria produção e participação infantil, uma vez que a participação na mídia é uma forma de o indivíduo expressar suas opiniões sobre aquilo que o afeta.

É fundamental o envolvimento da família e da comunidade na discussão do conteúdo da mídia, como é indispensável a discussão pelas escolas dos efeitos da mídia. A formação de uma mentalidade crítica constitui condição fundamental para a reeducação da mídia. Sem essa consciência, não será possível desenvolver a capacidade de discernir e de perceber o sentido de uma mensagem. Por outro lado, desenvolver nos alunos a capacidade de discernimento concorre para fazer ver aos produtores e responsáveis pela veiculação de alcance coletivo que a mídia é um bem público e, como tal, precisa levar em conta os valores éticos e as aspirações de uma determinada sociedade”. (JORGE WERTHEIN, 2002, apud CARLSSON, U.; FEILITZEN, C. V., p. 12, 2002)

## **2.2 Bullying Virtual ou Cyberbullying**

Os efeitos das novas tecnologias da informação e da comunicação (TIC) sobre o comportamento das crianças e dos jovens têm sido um importante campo de estudo nos últimos anos. Presta-se especial atenção às afinidades possíveis entre o fato de as crianças e os jovens estarem expostos a determinados tipos de comunicação (televisiva, via Internet e jogos eletrônicos) e os comportamentos anti-sociais que manifestam. Os desenvolvimentos tecnológicos recentes disponibilizam a esta população, contudo, o uso criativo e autônomo de uma diversidade de novos meios de comunicação e de interação que, para além das inúmeras vantagens e benefícios a todos os níveis, podem acarretar imensos riscos e perigos se o seu emprego não obedecer a certas regras e não for informado por princípios e valores.

Sabemos que nos dias atuais os jovens e as crianças têm mais facilidade de manipular um computador navegando na internet ou em outras mídias do que brincar com uma bola, por exemplo, não sabendo dos “perigos” que estes atrativos tecnológicos podem trazer, mas ao mesmo tempo eu me questiono, quem vai lhes orientar sobre esses “perigos”? É papel de quem orientar? Será que pais e professores encaram e sabem lidar normalmente em seu dia-a-dia com essas situações?

Vivemos na era da informação, de rápidas mudanças nas estruturas sociais e em suas relações. Não é, portanto, uma simples questão de ponto de vista, é uma resignificação dos papéis, ou melhor, a reconstrução dos parâmetros exercidos pela apropriação da convivência diária, não mais fechados e inertes. (SOUZA, 2012)

No entanto, ao mesmo tempo em que nos permite uma flexibilidade no seu uso, uma liberdade ao teclar e editar através da tela de um computador ou celular sem se preocupar com detalhes de escrita correta, normas bibliográficas, fotos com boa resolução, não há um controle rigoroso, você cria e se quiser pode postar para milhões de pessoas no mundo todo visualizarem, nos permite uma liberdade de expressão... Mas até que ponto os jovens sabem lidar com isso?

Poder acessar em tempo real toda sorte de informações de qualquer lugar do mundo, bem como suas principais fontes, representa uma forte mudança de paradigma social e proporciona um futuro cheio de possibilidades e fluidez, onde a informação do hoje pode ser a ultrapassada de amanhã, num curto espaço de tempo. (SOUZA, 2012)

O cyberbullying conceito que se crê ter sido utilizado pela primeira vez por Bill Belsey (2005), professor em Cochrane, Alberta, assume-se como uma variante do tradicional bullying. O bullying como já foi referido anteriormente, é um tipo de violência que se caracteriza por ser intencional, continua e de caráter físico, verbal e/ ou psicológico sobre um ou mais indivíduos. Por sua vez, o cyberbullying vem sendo definido pelo recurso às tecnologias da comunicação e informação para denegrir, humilhar e /ou difamar uma ou mais pessoas. (PINHEIRO, 2009)

Com a chegada e o crescimento acelerado da tecnologia, surgiu uma nova forma de intimidação, que ultrapassou o aspecto físico presencial - o *Cyberbullying* – uma forma dissimulada de *Bullying*, em que as agressões são virtuais. É caracterizado por agressões, insultos, difamações, maus tratos intencionais, contra um indivíduo ou mais, que usa para isso os meios tecnológicos. Avilés (2009) o define como uma forma de “assédio entre iguais através do celular e da internet”, em que as agressões são feitas “através das novas tecnologias de informação e

comunicação, em espaços virtuais”. (AVILÉS apud TOGNETTA, L.R.; BOZZA, T. L., 2010, p. 79)

Tognetta, L.R.; Bozza, T. L. (2010) explica que o Cyberbullying apresenta particularidades que o diferem de agressões presenciais e diretas e interessante, o tornam um fenômeno que nos parece ainda mais cruel, pois, diferentemente do assédio presencial, não há necessidade das agressões se repetirem. O assédio se abre a mais pessoas rapidamente devido à velocidade de propagação de informações nos meios virtuais, invadindo os âmbitos de privacidade e segurança.

Mason (2008) citado por Tognetta, L.R.; Bozza, T. L. (2010) aponta que a cada 10 adolescentes, 8 usam a Internet em casa, o que significa que o *Cyberbullie* pode agredir sua vítima quando não está na escola ou nas proximidades dela, e portanto o lar pode não ser mais um refúgio seguro e os agressores não precisam mais de um local físico para molestar a vítima. Pode-se dizer que o Bullying digitalizado é extensão do pátio da escola, onde as agressões podem continuar por longas horas depois do horário escolar. No entanto, para algumas vítimas, a Internet pode ser um lugar de vingança, podem ameaçar e intimidar os outros para compensar o fato de terem sido agredidos pessoalmente. Para os que só observam a Internet abrange um número muito maior de espectadores que podem fazer um pré-julgamento da vítima.

De acordo com Amado (2009) “podemos dizer, então, que o *cyberbullying* constitui uma nova expressão do *bullying*, enquanto agressão, ameaça e provocação de desconforto, premeditadas e repetidas, realizadas com recurso a dispositivos tecnológicos de comunicação, tais como o e-mail, o chat, o blogue, o telemóvel, etc., contra uma vítima de estatuto semelhante mas que tem dificuldade em defender-se. Tendo em conta esta definição pode afirmar-se que nem toda a provocação ou ação ofensiva através das TIC deve ser considerada como *cyberbullying*, ou que este conceito não é apropriado para todo e qualquer assédio ou ato ofensivo online. Note-se que a imprecisão acerca dos termos a utilizar é causa de grandes discrepâncias no registo da prevalência do fenómeno (Wolak *et al.*, 2007).

Amado (2009) cita Beran & Li, (2007) embora se possa considerar como uma nova modalidade de *bullying* este fenómeno, apresenta algumas características

específicas que lhe conferem dimensões muito particulares. Em contraste com outras formas de *bullying*, o *cyberbullying*, apoiado nas tecnologias da informação, transcende as fronteiras do tempo (na medida em que a ofensa se pode manter infinitamente presente no espaço virtual), mas também as fronteiras do espaço pessoal e físico. Além disso, perpetrado com base numa assimetria de poder, tal como o *bullying* face-a-face, o *cyberbullying* assenta, não no domínio pela força física, mas noutras fontes de poder, associadas a competências e a outras vantagens no domínio das tecnologias, o que acrescenta novas facetas ao perfil dos agressores e das vítimas.

Segundo Leão (2011) na história da humanidade existiu muitas formas de agressão e violência. Atualmente, estas formas de violência ficam evidentes, através da globalização e veículos de comunicação como a *internet*, amostra de vídeos e conteúdos pejorativos com crimes e zombarias de todos os tipos ganham a atenção das pessoas e exigem maiores estudos sobre suas reais consequências.

O mesmo autor aponta os estudos de Lopes Neto e Saavedra (2003) que explicam:

e uma dessas violências é denominada como *cyberbullying* (*bullying* virtual), o qual se realiza através do uso da tecnologia e da comunicação entre celulares e principalmente da *internet*. Nesta modalidade de agressão são utilizados *e-mails*, telefones, mensagens por *paggers* ou celulares, além das fotos digitais ou a interferência e sites pessoais para a adoção de comportamentos agressivos e hostis a determinados grupos ou indivíduos, sempre com a intenção de causar danos e prejuízos.

Em sua definição o *bullying* (violência verbal, física entre outras, que seja intencional e repetitiva) ocorre no mundo real, enquanto o *cyberbullying* no mundo virtual, os agressores se encontram no anonimato, utilizando-se de nomes falsos, apelidos ou ainda se fazendo passar por outras pessoas. Sua ocorrência se dá através de *e-mails*, torpedos, *blogs* ou MSN, onde os agressores espalham rumores sobre as vítimas ou seus familiares, ou ainda em através do *Orkut* onde as vítimas são excluídas ou expostas de forma vexatória (FANTE; PEDRA, 2008). O objetivo do estudo foi analisar a relação entre o *cyberbullying* nas redes sociais e a percepção dos usuários quanto às agressões e intimidações entre os mesmos. (LEÃO apud FANTE, PEDRA).

O rápido acesso as informações vem crescendo muito, já que por via e-mail pode se repassar para várias pessoas, assim como no youtube onde o acesso rápido e fácil, assim como em redes sociais como o facebook onde rapidamente podem ser compartilhadas. Infelizmente esse fácil e rápido acesso, para as vítimas dos cyberbullying se torna algo inatingível, pois ele não poderá controlar a ação dos cyberbullying já que elas nem sabem quem está provocando toda esta situação o impacto emocional em alguns casos é tão grande que as vítimas se sentem “de mão amarradas” e se silenciam.

Tognetta, L.R.; Bozza, T. L. (2010) explicam que: “Em todo o mundo, pesquisas revelam que entre 5% a 35% dos alunos estão envolvidos no fenômeno Bullying. O Professor Dan Olweus, da Universidade de Bergen (Noruega) foi o pioneiro nos estudos sobre o fenômeno, na década de 70. Em 1993, publicou o livro “Bullying at School” que deu origem a Campanha Nacional Anti-bullying e com o apoio do Governo Norueguês, reduziu em cerca de 50% os casos nas escolas e ainda incentivou outros países a desenvolverem suas próprias ações. No Brasil, os estudos de Fante, desde 2000, apontam a presença de Bullying entre 20% a 30% de alunos de escolas públicas e particulares. O levantamento realizado na cidade do Rio de Janeiro pela ABRAPIA, em 2002, envolvendo 5875 estudantes de 5ª a 8ª séries, revelou que 40,5% desses alunos admitiram ter estado diretamente envolvidos em atos de Bullying. Tais estudos foram provocativos a outros atuais, que encontram os mesmos indícios em outras regiões, alargando-se o conhecimento da incidência desse fenômeno em escolas brasileiras (TOGNETTA e VINHA, 2009; MACARENHAS, 2009; PRODOCIMO, 2009; PLAN, 2010). Protagonizam tais cenas de violência o autor, a vítima e o espectador fundamental para a continuidade do conflito.

### **2.3 Redes Sociais e Internet**

Segundo Simão (2008) de forma simples e rápida, um grupo de amigos e conhecidos, se torna uma rede social. As redes sociais existem desde o início da humanização se aceitarmos que o homem é um ser social, pois desde então, se relacionam com suas famílias, amigos, conhecidos e habitantes da mesma região. Para o autor, a internet desde o seu início promoveu o alargamento das redes de conhecimento para fora dos limites geográficos.

Machado (2008) se pensarmos no nosso cotidiano, com o foco nas relações que sustentam nossas rotinas, veremos emergir conjuntos de redes. São redes espontâneas, que derivam da sociabilidade humana. Estão aí o tempo inteiro, apenas não costumamos focar nosso olhar sobre elas, vendo-as como um sistema vivo e dinâmico, mas são elas que dão sustentação às novas vidas e a produzem diariamente.

O conceito de rede social surgiu cedo na Sociologia e na Antropologia Social. No entanto, nas décadas de 30 e 40 do Século XX, o termo era sobretudo utilizado metaforicamente: os autores não identificavam características morfológicas nem criavam relações entre as redes e o comportamento dos indivíduos que as formavam. Na segunda metade do século passado, o conceito de rede social tomou-se central na sociologia, levando a crer na existência de um novo paradigma das ciências sociais. Atualmente, a análise estrutural das redes sociais tornou-se numa abordagem interdisciplinar que assenta na hipótese de que os atores sociais se caracterizam mais pelas suas relações do que pelos seus atributos (gênero, idade, classe social). (SIMÃO, 2012)

O mesmo autor nos explica que

uma rede social define-se como uma forma de compartilhar ideias com outros grupos de maneira a proporcionar discussão entre os indivíduos. O mais importante é facultar a discussão de conteúdos com vista a enriquecer conhecimentos relativos a cada pessoa. (SIMÃO, 2008).

Machado (2008) cita a definição de redes sociais de acordo com os autores descritos a seguir: “Uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores, ou seja, nós (pessoas, instituições ou grupos) e suas conexões (interações ou laços sociais) (WASSERMAN e FAUST, 1994; WELLMAN, 1997). Capra (2008) complementa afirmando que redes sociais são redes de comunicação que envolvem linguagem simbólica, restrições culturais, relação de poder etc. Além disso, o referido autor afirma que são estruturas dinâmicas, complexas e autogenerativas e o que geram é imaterial. Enfim, as redes sociais por meio das interações vêm modificando diversas áreas da atividade humana, a saber: comércio, indústria, economia, artes, cultura e educação.

Sobre as redes sociais, de acordo com CASTELLS (2003-a):

(...) redes são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação (por exemplo, valores ou objetivos de desempenho). Uma estrutura social com base em redes é um sistema aberto, altamente dinâmico, suscetível de inovação sem ameaças ao seu equilíbrio. (CASTELLS, 2003-a, p. 566)

A principal utilização destas redes sociais se assenta no lazer. Os utilizadores partilham diversos dados pessoais que passam pelas informações pessoais, passando por álbuns de fotos, vídeos, pensamentos, diários e estados de espírito. É possível ainda deixar comentários nos mais diversos elementos dos *perfis* e enviar mensagens privadas entre os utilizadores. Dada toda esta informação pessoal e a idade dos utilizadores as redes sociais servem para manter o contato com amigos reais (amigos conhecidos fora do ambiente virtual) e a amigos virtuais (amigos conhecidos no ambiente virtual). Outra utilização muito comum é a de conhecer pessoas novas com ou sem intenções de obter um relacionamento afetivo, seja, para conhecer ou até mesmo uma relação de namoro. (SIMÃO, 2008).

Barcelos e Passerino (2010) citam os conceitos de Castells (2003-b) onde ele credita à estrutura da rede a ascensão do individualismo (“individualismo em rede”), justificando este fato na importância do papel do indivíduo na construção de sua própria rede social.

Na rede cada um tem liberdade de escolher com quem irá interagir: “O individualismo em rede é um padrão social, não um acúmulo de indivíduos isolados. O que ocorre é que indivíduos montam suas redes, *on-line* e *off-line*, com base em seus interesses, valores, afinidades e projetos” (CASTELLS, 2003-b, p. 109).

Barcelos e Passerino (2010) citam (Wellman, 1997; Granovetter, 2000), onde eles afirmam que essas interações além de terem um caráter dinâmico permitem estabelecer os tipos de relacionamentos emergentes na rede e que comumente denominamos de laços sociais. Os laços podem ser fortes ou fracos de acordo com a qualidade das interações e das trocas sociais realizadas entre os atores. Laços fortes são aqueles que se caracterizam pela intimidade e pela proximidade, já os fracos caracterizam-se por relações esparsas, que não traduzem proximidade e intimidade. Dessa forma, os laços fortes constituem as redes menos instáveis.

É através das interações que se tem através das redes sociais que muitos vão descobrir ou criar novas identidades, a possibilidade de ser mais um anônimo ou poder ser outra pessoa muitas vezes, pode vir a aumentar o interesse de muitos pelas redes sociais. Poder estar em um grupo onde todos compartilham dos mesmos interesses, tem afinidades, discutem ideias ou até mesmo obter um relacionamento afetivo é algo que desperta o interesse de muitos em participar.

Cabral (2011) nos diz que na virtualização das relações, implicitamente podemos observar o Poder da Visibilidade, a busca pela visibilidade dentro das redes pode trazer consigo comportamentos que não são admitidos no mundo “Real”, onde as relações são marcadas por normas e regras. Tais normas e regras não são estabelecidas nas redes e são, assim, subjetivas, apresentando pouca capacidade ou força de gerar senso crítico. Neste âmbito, podemos presenciar a utilização de artifícios para conseguir a visibilidade passando por cima da Ética e da Moralidade.

O mesmo autor explica os estudos de Freud (1969) o processo de formação de identidades nas redes perpassa vários aspectos interessantes e ao mesmo tempo trágicos pois, segundo Freud (1969), a formação da personalidade se dá através e pelo Outro. Entretanto, quem é este outro dentro de um mundo tecnologicamente virtual, onde as relações são efêmeras e transitórias? Por vezes, as Redes Sociais funcionam como um grande grupo que exerce influência sobre os comportamentos dos componentes e subjuga a identidade individual. Para Le Bon (1969), “os dotes particulares dos indivíduos se apagam num grupo e, dessa maneira, sua distintividade se desvanece”.

De acordo com Simão (2008) o *e-mail* foi uma das primeiras redes sociais que permitiu a correspondência instantânea e as listas de *e-mail*, aquilo a que poderemos chamar as primeiras redes sociais de criação de comunidades na internet, ainda hoje as listas de distribuição de *email* são umas das formas mais populares de interação entre diferentes pessoas em diferentes espaços geográficos mas com um tema ou interesse em comum.

Para Simão (2008), o grande salto nas redes sociais na *Web* foi dado com o advento da chamada *Web 2.0*. São vários os *sites* que permitem o registro automático de novos utilizadores que têm liberdade para inserir conteúdo, convidar novos amigos e criar uma rede de contatos e partilharem com eles diversos conteúdos e informações.

Machado (2008) explica que o termo Web 2.0 refere-se a mudança para uma *Internet* como plataforma e um entendimento das regras para obter sucesso nesta nova plataforma. Estas regras já foram amplamente discutidas antes do surgimento do termo, sob outros nomes como infoware, the internet operating system e the open source paradigm shift e são produto de um consenso entre empresas de grande sucesso (como Google, Amazon, Yahoo e Microsoft) e estudiosos da Web (como Tim O'Reilly, Vicent Cerf e Tim Berners-Lee) e da consolidação do que realmente traz resultado na Internet.

Segundo o precursor do uso do termo, O'Reilly (2005), em seu artigo de conceitualização (e também de defesa) do termo Web 2.0 define que é:

a mudança para uma internet como plataforma, e um entendimento das regras para obter sucesso nesta nova plataforma. Entre outras, a regra mais importante é desenvolver aplicativos que aproveitem os efeitos de rede para se tornarem melhores quanto mais são usados pelas pessoas, aproveitando a inteligência coletiva.

Barcelos e Passerino (2010) também explicam que surgimento da Internet e em especial das ferramentas *Web 2.0* possibilitaram a criação de espaços de troca virtuais, colocou em discussão na academia o conceito de territorialidade geográfica que era uma característica forte na sociologia até o momento. As redes, associadas às ferramentas da Web 2.0, possibilitam uma nova forma de relacionamento, independente de tempo e espaço, as chamadas redes sociais na Internet (RSI). Embora, segundo Castells (2003), o desaparecimento do lugar geográfico como forma de sociabilidade já existia antes do aparecimento da Internet. O uso de telefones, de cartas e de outros meios de comunicação possibilitou trocas comunicacionais independentes da localização.

A World Wide Web, a Web 2.0, cuja palavra-chave é colaboração, proporciona democratização no uso da web, em que é possível não apenas acessar conteúdos, mas também transformá-lo, reorganizá-lo, classificando, compartilhando e, principalmente possibilitando a aprendizagem cooperativa, o que vai nos permitir construir uma inteligência coletiva. (LÉVY, 1999)

Machado (2008) diz que com sua imensa variedade de conteúdos disponíveis para consulta, a *Internet*, está se transformando, pois se antes, mudar de um site para outro através de *hiperlinks* com um simples clique era algo fantástico, agora, de usuário também passamos a produtores de conteúdos. Nesse

contexto a Web 2.0 torna-se dinâmica, interativa, flexível para os conteúdos e publicações, deixando de ter uma característica estática, e podendo ser editada tanto por profissionais da área como pelos próprios usuários. Mas o principal aproveitamento é o da inteligência coletiva baseada em uma rede de informações onde cada usuário passa a ser produtores de conteúdos.

Para muitos esta produção de conteúdos podem ser ameaçadores já que na internet se tem a liberdade de publicar o que se pensa e o que se quer, não deixa de ser um meio de liberdade de expressão. Onde uns aproveitam de maneira justa defendendo os seus direitos expondo o que pensam sobre os mais diferentes assuntos e pessoas. Já outros acabam muitas vezes, utilizando-a para xingar, insultar, ameaçar pessoas praticando assim o “bullying virtual”.

De acordo com Cabral (2011) a internet é mais que uma simples tecnologia, é o meio de comunicação que institui a infra-estrutura organizativa das sociedades em vigor. A internet é o coração de um novo paradigma sociotécnico que constitui, na realidade, a base material de nossas vidas e de nossas formas de relação, de trabalho e de comunicação. O que a internet faz é processar a virtualidade e transformá-la em nossa realidade, constituindo a sociedade em rede, que é a sociedade em que vivemos.

Moran (1997) nos coloca que a Internet está explodindo como a mídia mais promissora desde a implantação da televisão. É a mídia mais aberta, descentralizada e, por isso mesmo, mais ameaçadora para os grupos políticos e econômicos hegemônicos. Aumenta o número de pessoas ou grupos que criam na Internet suas próprias revistas, emissoras de rádio ou de televisão sem pedir licença ao Estado ou estar vinculados a setores econômicos tradicionais. Cada um pode dizer nela o que quer, conversar com quem desejar, oferecer os serviços que considerar convenientes. Como resultado, começamos a assistir a tentativas de controlá-la de forma clara ou sutil.

O referido autor afirma que a distância hoje não é principalmente a geográfica, mas a econômica - ricos e pobres - a cultural - acesso efetivo pela educação continuada - a ideológica - diferentes formas de pensar e sentir - e a tecnológica - acesso e domínio ou não das tecnologias de comunicação. Uma das expressões claras de democratização digital se manifesta na possibilidade de

acesso à Internet e em dominar o instrumental teórico para explorar todas as suas potencialidades. (MORAN, 1997)

Utilizar a internet em nosso dia-a-dia, em nossa sala de aula por exemplo, não se dá pelo simples fato de utilizá-la como mais uma ferramenta pedagógica, e sim como um investimento na criação de competências e exploração das potencialidades de nossos alunos, mas isso só irá acontecer se vir acompanhado pela qualidade do processo educativo que promovam interações e experiências significativas de aprendizagem.

## **3 METODOLOGIA**

### **3.1 A Definição do Método do Estudo**

O presente estudo foi de corte qualitativo, na modalidade estudo de caso. Inicialmente apresento o conceito de método qualitativo de acordo com a literatura. Conforme Strauss (2008) com o termo “pesquisa qualitativa” queremos dizer qualquer tipo de pesquisa que produza resultados não alcançados através de procedimentos estatísticos ou de outros meios de quantificação. Pode se referir à pesquisa sobre a vida das pessoas, experiências vividas, comportamentos, emoções e sentimentos, e também à pesquisa sobre funcionamento organizacional, movimentos sociais, fenômenos culturais e interação entre as nações. Alguns dados podem ser quantificados, como no caso do censo ou de informações históricas sobre pessoas ou objetos estudados, mas o grosso da análise é interpretativa.

O estudo foi desenvolvido na modalidade estudo de caso que, segundo Molina (1999), um caso pode representar um mundo no qual muitos outros se sintam representados. Um caso se constitui, em um instante determinado, condensando as tensões e os desejos de outras tantas vozes silenciadas. A mesma autora cita os estudos de Stake para quem as pesquisas com esse corte devem pretender construir um saber em torno de uma particularidade, portanto o seu propósito não é representar o mundo, mas, sim, o caso. A grande vantagem de um estudo de caso qualitativo é o fato de ele conectar-se rapidamente com a realidade, isto é, possibilitar maior interação teoria-prática e, assim, afastar maiores riscos de simplificações.

O estudo está voltado para analisar, interpretar e compreender as repercussões nos conceitos daqueles que são participantes de redes sociais, acerca do bullying virtual, através de suas respostas, as quais possibilitarão a leitura dos

sentimentos dos alunos diante das dificuldades, desafios, superações, ações e experiências diante do bullying virtual.

Strauss (2008) explica que:

Para obter detalhes intrincados sobre fenômenos como sentimentos, processos de pensamento e emoções que são difíceis de extrair ou de descobrir por meio de métodos de pesquisa mais convencionais (p. 24).

Gómez, Flores e Jiménez (1996) chegam a conclusão que este tipo de estudo: “(...) *se caracteriza por um exame detalhado, compreensivo, sistemático e em profundidade do caso objeto de interesse*” (p. 92). Os autores explicam que o objetivo do estudo é o descobrimento e compreensão de novas relações, conceitos e significados.

Segundo Yin (2001), o estudo de caso é a pesquisa preferida quando predominam questões dos tipos “como?” e “por quê?”, ou quando o pesquisador detém pouco controle sobre os eventos e ainda quando o foco se concentra em fenômenos da vida real.

Yin (2001) afirma também que o estudo de caso é um modo de pesquisa empírica que investiga fenômenos contemporâneos em seu ambiente real, quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidos; quando há mais variáveis de interesse do que pontos de dados; quando se baseia em várias fontes de evidências; e quando há proposições teóricas para conduzir a coleta e a análise dos dados.

A pesquisa será de caráter descritiva, pois, adota “como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno” (GIL, 1991, p. 46).

A pesquisa descritiva objetiva a descrição de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Esse tipo de estudo tem como característica mais significativa a utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática.

Os termos descritiva, descrição e descrever referem-se ao fato de esse tipo de pesquisa ir apoiar-se na estatística descritiva para realizar as descrições da população (mediante amostra probabilística) ou do fenômeno, ou relacionar variáveis. Assim, a pesquisa descritiva pura tem natureza quantitativa, mas pode ser

quantitativa e qualitativa ao mesmo tempo, se representar descrição de amostra não-probabilística. (PONTE, V. M. R, OLIVEIRA, M. C, 1999).

### **3.2 Os Critérios para Escolha dos Participantes do Estudo**

A escolha das escolas participantes do estudo se deu pela facilidade de acesso aos locais, pelo fato de a pesquisadora ter grande contato com as escolas, uma vez que estes locais um já foi um local de trabalho.

De acordo com os estudos de Gómez, Flores e Jiménez (1996) que assinalam a necessidade de critérios na elegibilidade dos contextos e participantes em estudos qualitativos, pude destacar que as escolhas dos participantes precisou estar em acordo com alguns critérios:

- a) manter contato e acesso à internet;
- b) utilizar algum tipo de rede social;
- c) ser aluno de uma das escolas participantes estar regularmente matriculado e frequentando;
- d) estar de acordo com a pesquisa e colaborar com a participação no estudo.

Antes do processo de coleta de informações fiz um contato inicial com as escolas, momento importante para poder explicar os objetivos do estudo. Após as escolas e os participantes da pesquisa concordar em fazer parte da mesma, se deu início a pesquisa.

O estudo contou com a participação de 50 adolescentes, estudantes do Ensino Médio de escolas da cidade de Teutônia, RS, das redes estaduais e particulares do município. Dentre estes estudantes 25 masculinos e 25 femininos, com idades entre 15 a 17 anos.

### **3.3 Instrumentos de Coleta de Informações**

O instrumento utilizado foi um questionário sobre Bullying virtual (Anexo A) com perguntas semi-abertas para estudantes do Ensino Médio.

Bandeira C.M. *apud* Cantini, (2004) “a escolha pela aplicação do questionário como método de investigação do fenômeno bullying virtual, visou sua facilidade de aplicação, envolvendo uma amostra grande de alunos, com uma ampla quantidade de informações sobre o fenômeno e sua extensão, em um curto espaço de tempo”.

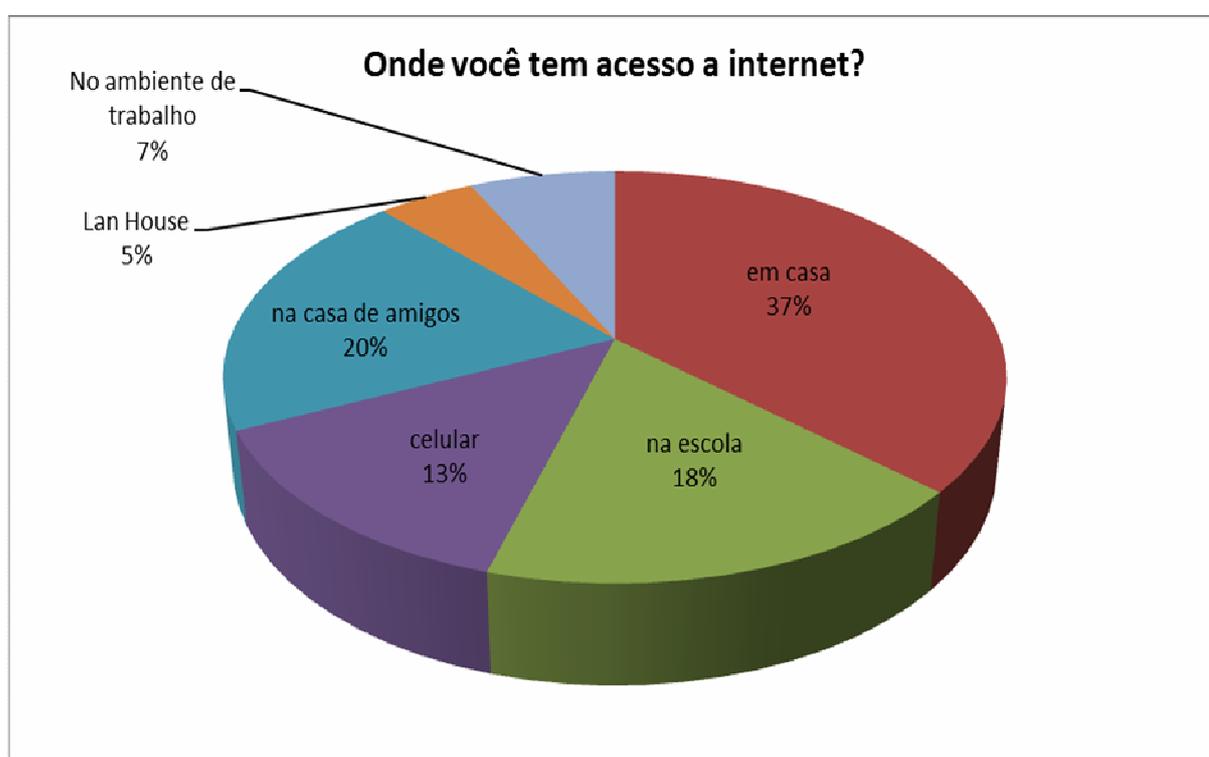
Este questionário conta com 11 questões de múltipla escolha, algumas questões possibilitarão a escolha de mais de uma opção e outras a descrição dos tipos mais comum de agressão virtual.

Os questionários foram aplicados coletivamente em sala de aula, em dias e horários combinados previamente. Primeiramente expliquei aos alunos os objetivos da pesquisa, o significado da palavra “bullying” e o que significa então “bullying virtual” utilizando uma linguagem fácil para a melhor compreensão de todos, combinamos que a participação deles era livre e que podiam interromper a qualquer momento sem nenhuma penalidade. Também foram informados sobre o sigilo dos dados e que não deviam se identificar nos questionários os únicos dados que foram solicitados foi a idade, o sexo e a série que frequentam.

Após a coleta de informação foi realizada análise e interpretados os dados coletados do presente estudo. Segundo Strauss (2008) basicamente, há três componentes principais na pesquisa qualitativa. Primeiro há os dados, que podem vir de várias fontes, tais como entrevistas, observações, análise de documentos entre outros. Segundo há os procedimentos, que os pesquisadores podem usar para interpretar e organizar os dados. Eles geralmente consistem em conceitualizar e reduzir os dados, elaborar categorias em termos de suas propriedades e dimensões, e relacioná-los por meio de uma série de declarações preposicionais. Outros procedimentos são parte do processo analítico e incluem amostragem não-estatística, redação de memorandos e diagramação. Relatórios escritos e verbais são o terceiro componente. Eles podem ser apresentados como artigos em jornais científicos, em palestras ou em livros.

## 4 O QUE TÊM A NOS DIZER OS ADOLESCENTES SOBRE O BULLYING VIRTUAL

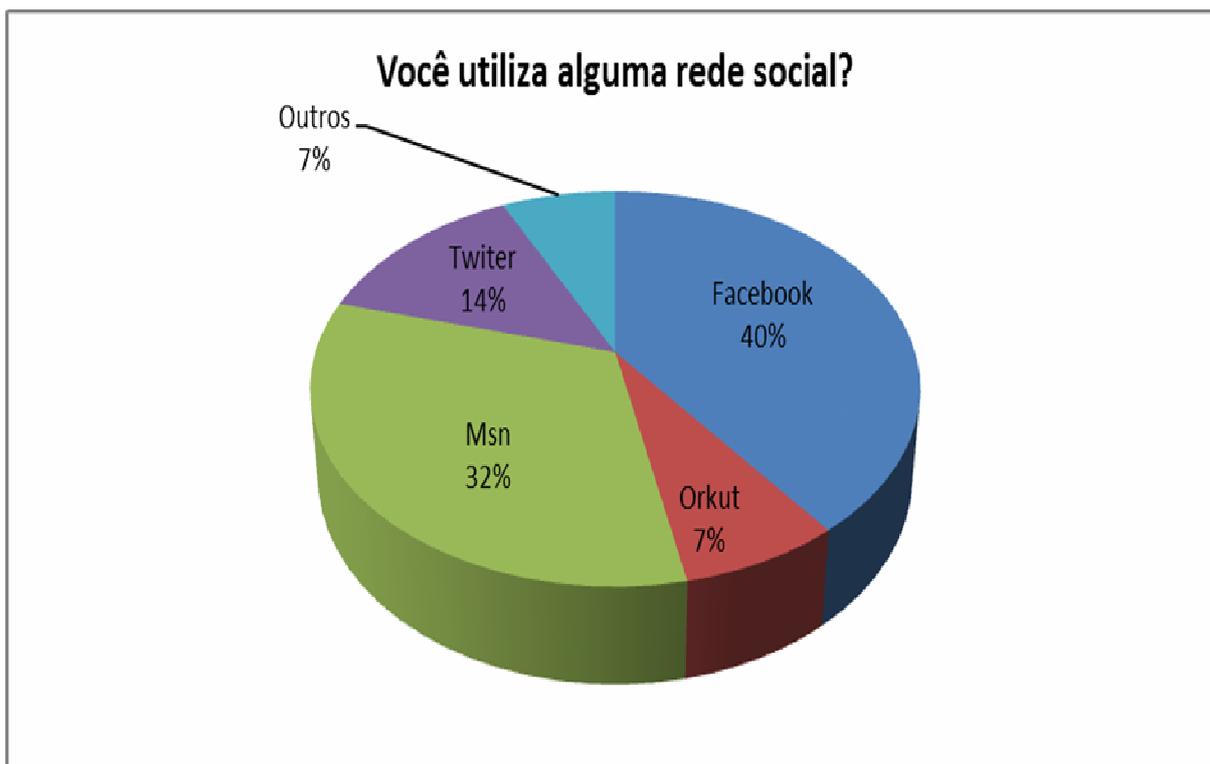
Para dar início a análise dos dados, é importante lembrarmos que este estudo de caso está voltado para analisar, interpretar e compreender as repercussões nos conceitos daqueles que são participantes de redes sociais, acerca do bullying virtual, através de suas respostas, as quais possibilitarão a leitura dos sentimentos dos alunos: diante das dificuldades, desafios, superações, ações e experiências diante do bullying virtual.



**Figura 1:** Onde você tem acesso a internet?

Ao analisar o primeiro gráfico que demonstra onde os participantes da pesquisa têm acesso a internet, verificamos que a maior parte, 37%, acessa em sua

própria casa, 20% na casa de amigos, 18% na escola, 13% no celular, 7% no ambiente de trabalho e 5% na lan house. Um primeiro dado a ser levantado que me chamou a atenção, é que todos têm acesso à internet hoje, independente do lugar, todos conseguem acessá-la. A maioria acessa a internet em suas próprias casas diante dos olhos de seus pais, confesso que fico feliz, pois enquanto professora, geralmente a responsabilidade fica para a escola, aos cuidados dos professores. Claro, que assim como fazemos na escola, orientando os alunos quanto ao uso correto da internet, lhes informando, sugerindo, alertando de alguns “perigos” os pais deveriam fazer o mesmo. Pois se sabe que os jovens passam mais tempo em frente ao computador do que na escola, que eles dedicam muitas horas de seu dia para o uso da internet, e diante disso não nos adiante proibi-los e sim alertar e orientar quanto ao uso mais adequado desses recursos tecnológicos. Outro dado que me chama a atenção, é que o segundo lugar onde mais eles acessam a Internet é na casa de amigos, além de manter contato muitas vezes através do computador nas redes sociais com os amigos eles estão se encontrando para fazê-los juntos. Esse dado me trouxe uma curiosidade, se eles estão se encontrando e acessando a Internet para realizar trabalhos da escola, pesquisas, talvez jogar on-line, não poderiam eles estar aproveitando a oportunidade para realizar “bullying virtual”? A possibilidade de poder praticar o “bullying virtual” sem precisar se identificar, no anonimato, pode também ser potencializada pela companhia de um amigo ou colega, afinal muitos precisam do apoio do outro para cometer determinadas ações de caráter mais ilegal. Diante disso, me preocupa ainda mais até que ponto nossos jovens sabem lidar com todas essas situações.



**Figura 2:** Você utiliza alguma rede social?

Em relação a utilização de redes sociais, 40% utilizam o Facebook, 32% utilizam Msn, 14% Twiter, 7% Orkut e 7% outras redes sociais, não poderia ter sido diferente, a grande maioria nos dias atuais com certeza utiliza o Facebook que é uma das redes mais populares da atualidade. Cada usuário possui uma página com o seu perfil social, onde posta suas fotos, vídeos, descreve seus gostos musicais, seus links preferidos, participa de comunidades de seu interesse, adiciona amigos e assim a rede vai crescendo cada vez mais.

Penso que seja interessante trazer um breve histórico de como surgiu esta tão famosa rede social nas palavras de Leão (2011) onde ele cita Beleza (2011) e Fonseca (2010):

Conforme Beleza (2011), em 2004 o *facebook* é lançado originalmente como uma ferramenta de ligar estudantes universitários nos EUA. Foi primeiramente lançado na Universidade de *Havard* onde mais de metade dos seus 19.500 alunos se inscreveu no decorrer do primeiro mês.

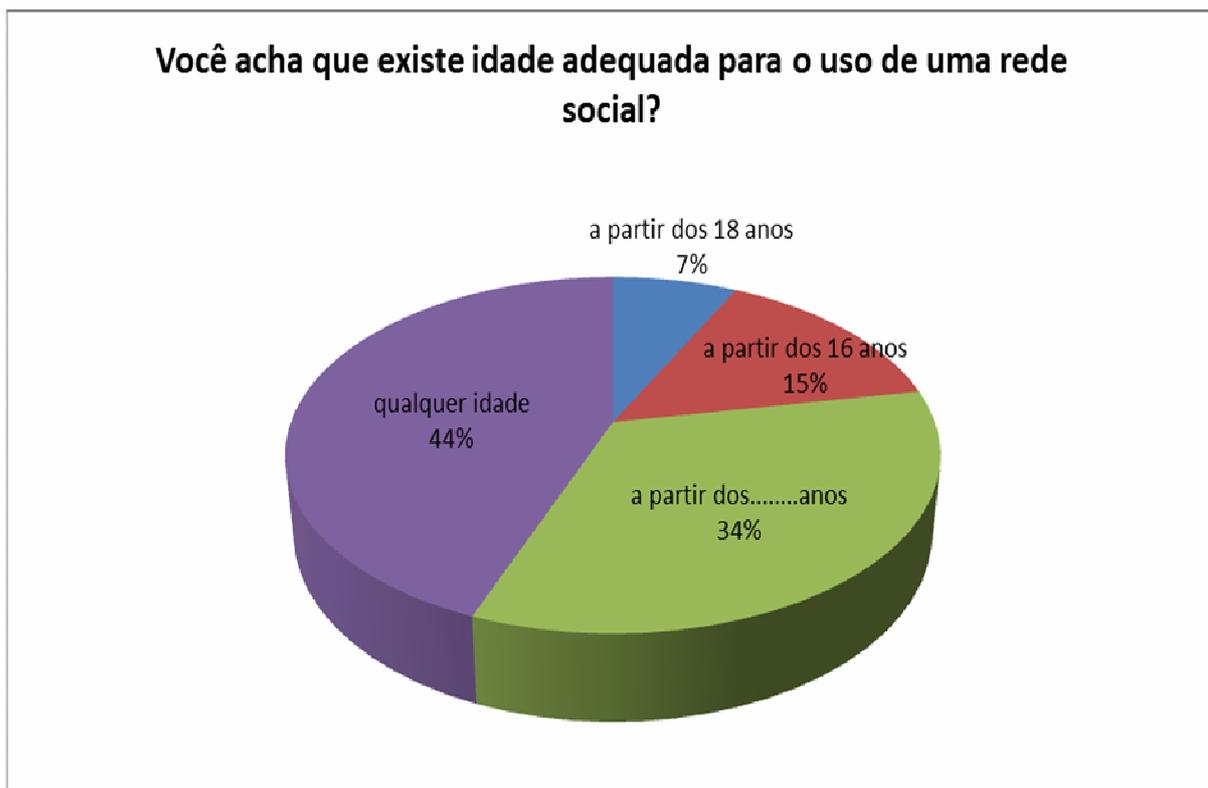
Em 2005 uma empresa, entretanto formada, permitiu que o *site* fosse aberto para o público em geral, incluindo empresas e outras organizações. Atualmente o

*Facebook* está ao alcance de qualquer pessoa com acesso à internet, a nível mundial, com mais de 500 milhões de utilizadores (FONSECA, 2010).

São inúmeros os atrativos do Facebook além de manter contato com relações de amizade, tem também os jogos que são utilizados de maneira lúdica, e que fazem com que os usuários fiquem online por mais tempo.

Acredito que a utilização das diferentes redes sociais pode se dar de forma “passageira”, por “modismo” às vezes, assim como acontece com as roupas da moda por exemplo, de uma hora para outra todos passam a vestir determinado tipo, pois a maioria usa e as mídias divulgam que “está na moda”. Como vivemos em uma sociedade excludente onde quem não está de acordo com alguns padrões não é “normal”, ocorre o mesmo com a utilização de algumas redes sociais, digo isso, pois se tivéssemos realizado a mesma pergunta há dois anos atrás, em 2010, o resultado poderia ser outro, pois quem liderava o número de acessos no Brasil por exemplo, era o Orkut e hoje pudemos observar que conforme minha pesquisa aponta somente 7% dos entrevistados ainda o utilizam. Penso que há uma concorrência grande entre eles e caberá a ambos criar novos atrativos, qualificar e melhorar cada vez mais para continuar sendo o mais acessado ou para retornar a ocupar este lugar.

Outra rede social muito utilizada e que na minha opinião, veio para facilitar a comunicação entre as pessoas é o Msn, que é muito prático por permitir que possamos nos relacionar em tempo real, podemos conversar de maneira instantânea através do computador, permite ainda que os jovens possam conversar e ainda realizar outras operações na internet, pois a cada mensagem recebida um sinal sonoro ou visual avisa que há uma mensagem para ser respondida. Ao contrário da maioria das redes sociais você conversa com outros participantes e suas mensagens não ficam visíveis para os demais participantes, é uma maneira mais privada de se comunicar não correndo assim o risco de outros utilizarem o conteúdo descritos nas mensagens de maneira difamatória, por exemplo, evitando assim o “bullying virtual”.



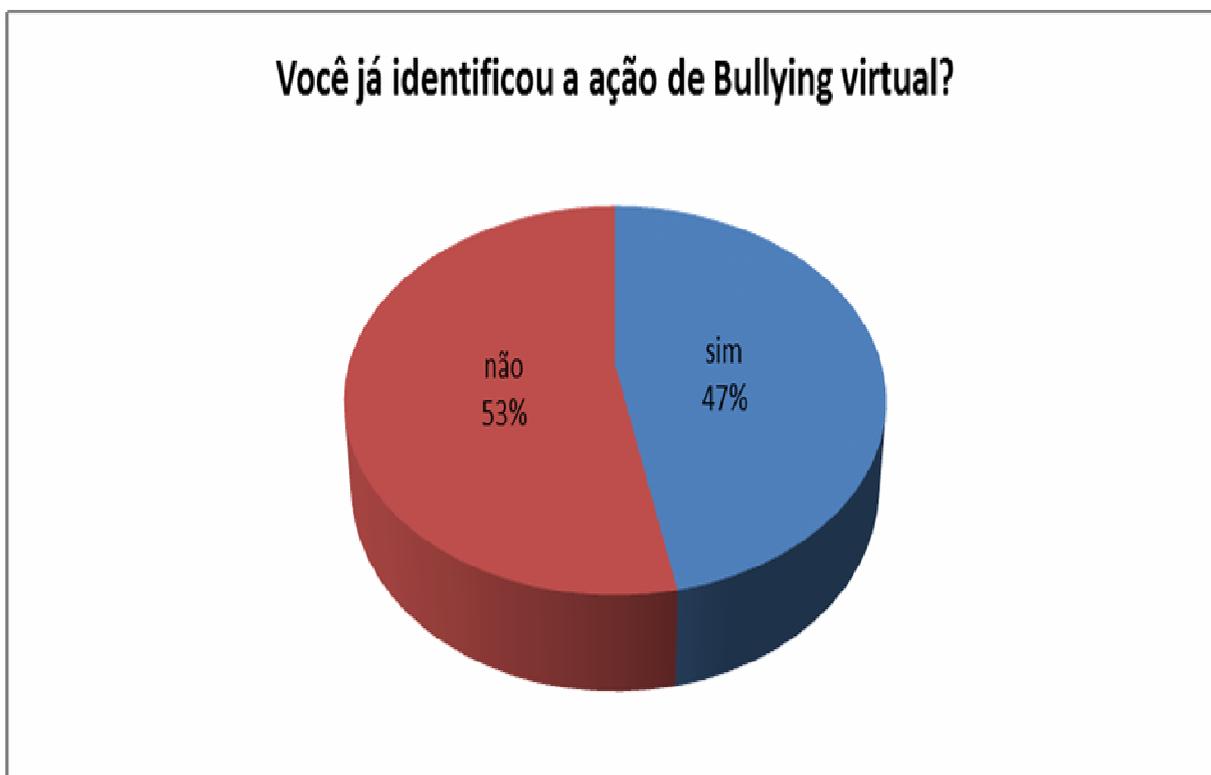
**Figura 3:** Você acha que existe idade adequada para o uso de uma rede social?

Nesta questão havia as opções de algumas idades que eles julgariam a idade adequada para o uso de uma rede social ou eles poderiam sugerir a idade que eles julgam a mais correta. A maior parte, 44%, respondeu que a qualquer idade pode-se utilizar as redes sociais e 34% preferiram sugerir a idade que eles julgam ser mais adequada. De fato não existe nenhum estudo que afirme uma idade correta para se usar as redes sociais, porém o que necessita é se ter uma atenção de como irão fazer uso das redes, acompanhar e orientar sempre é o melhor caminho, isso é papel fundamental dos pais e também da escola.

Sabe-se que há muitos atrativos que fazem os jovens passarem horas em frente ao computador, isso também não é saudável, é preciso que se tenha um equilíbrio entre o uso do computador e as demais atividades do cotidiano das pessoas, como convívio familiar, execução de tarefas domésticas, trabalho, prática de esportes.

No entanto, proibir seu uso nem sempre é o mais correto e simplesmente denunciar os perigos também não fará com que eles compreendam a seriedade envolvida nesse processo, é preciso orientá-los para que eles avaliem e utilizem

seus computadores de maneira consciente, independente e produtiva, o que pode contribuir na construção de seus conhecimentos.



**Figura 4:** Você já identificou a ação de bullying virtual?

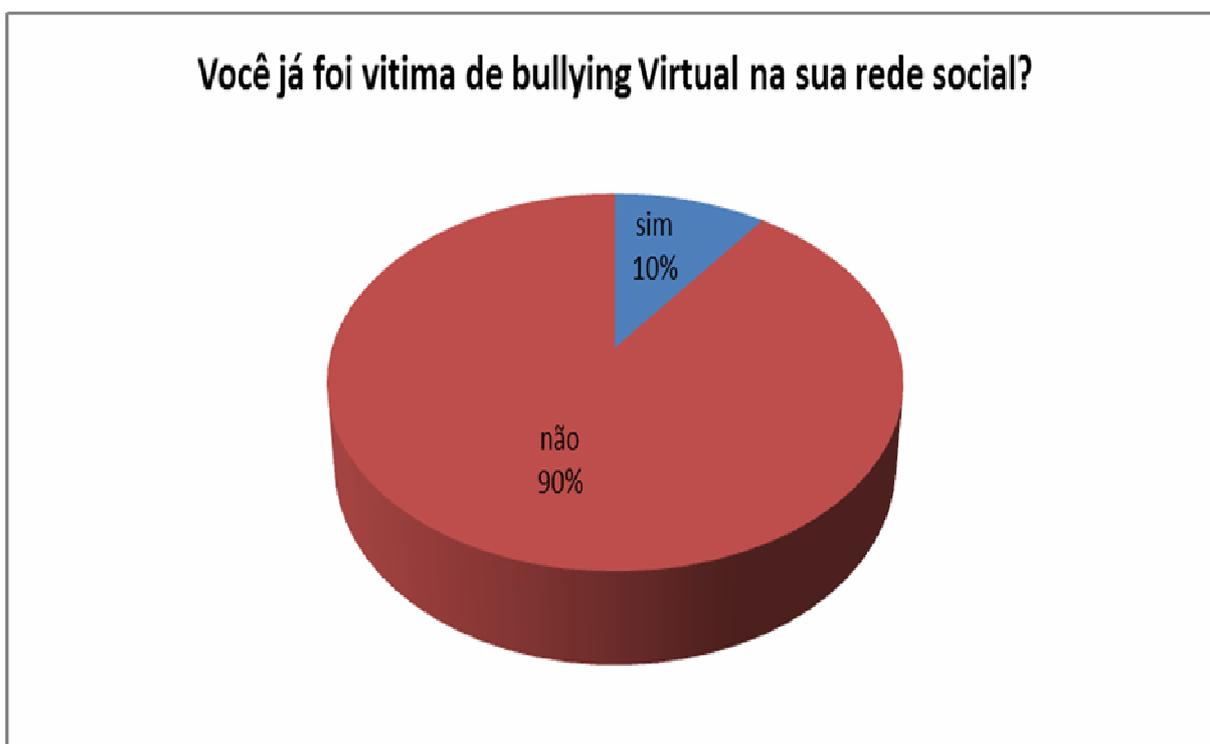
Nesta questão, o resultado mostrou-se bem dividido, já que 53% não identificaram a ação de “bullying virtual” em sua rede social e 47% já identificaram. Podemos perceber que, pela porcentagem apresentada, de fato o “bullying virtual” está acontecendo. Mesmo que os participantes desta pesquisa não tenham sido vítimas, eles já conseguem identificar a ação dos cyberbullying através das redes sociais das quais participam.

De fato o “bullying virtual” está ocorrendo e a maioria de nossos jovens já estão sabendo identificar as ações que o caracterizam, com isso, pais e escola devem ficar ainda mais atentos, é preciso divulgar e esclarecer o que caracteriza a ação dos Cyberbullying. Não podemos deixar que adolescentes e jovens continuem praticando um ato de violência, que é agravado pelo fato de sua identidade não ser revelada, o que aumenta ainda mais a continuidade da sua prática, pois sabem que não há uma regra que regule o uso de sua rede social, tornando assim mais difícil a identificação de sua identidade e a proibição da sua prática.

Não podemos permitir que esses jovens que souberam identificar a ação de “bullying virtual”, fiquem somente na condição de “espectadores” onde alguns identificam a ação e nada fazem, preferem ficar quietos, outros acham graça e acabam, às vezes, de maneira ingenua repassando isso adiante aumentando ainda mais o fenômeno, infelizmente há aqueles que irão achar legal e também passarão a executar...

Essas são algumas conclusões às quais pude chegar, baseadas nos dados coletados com os estudantes e também embasadas através de conversas com os mesmos sobre os mais diferentes assuntos, nas quais eles de maneira muito sincera colocam suas opiniões e relatam como eles agem diante de determinadas situações. Observando as suas atitudes no dia-a-dia dentro do ambiente escolar, também pude perceber que muitas vezes eles não dão a certas práticas que podem configurar bullying virtual a seriedade que elas deveriam ter, entendendo como simples brincadeiras atitudes de caráter discriminador e ofensivo.

A próxima questão vai nos dizer quantos de nossos participantes já sofreram este tipo de violência através das redes sociais, muitos talvez que passaram de “espectadores” para vítimas. Observe o gráfico abaixo que irá demonstrar esta questão:



**Figura 5:** Você já foi vítima de bullying virtual na sua rede social?

Felizmente o número de vítimas foi de 10%, e mesmo que isso não diminua o sentimento deles diante da situação, é bom saber que o número ainda é baixo. Precisamos tentar identificar quem são essas vítimas para que possamos acompanhá-la mais de perto, dando-lhes todo o apoio necessário pois sabe-se que a vítima rapidamente vai estar exposta a toda a rede social devido a rápida propagação que se dá na internet.

Conforme Cabral (2011) que aponta os estudos de Pradas (2006): (...) além de distanciar a vítima do agressor (seguro por não estar cara-a-cara com o alvo), ainda traz consequências terríveis a quem sofre as agressões”. O mesmo autor diz que, embora se pareça com as consequências do *Bullying*, os danos causados às vítimas de *Cyberbullying* são ainda maiores, pois a internet garante o anonimato daquele que agride, o que dificulta os mecanismos de respostas e proteção a esse tipo de humilhações.

Conforme os autores colocaram, os danos causados as vítimas podem ser muito graves, imaginem a seguinte situação, você está sendo xingado, humilhado, ridicularizado, diante de várias pessoas e nada poderá fazer, pois não se sabe quem poderá estar fazendo isso contra você, pois geralmente o agressor não se identifica, utiliza outras identidades, pseudônimos... Dependendo da situação você tentará se defender, respondendo a todas essas humilhações, através da própria rede, já que é o único meio, mas poderá surgir efeito ou não, pois as demais pessoas quem tiveram acesso, que irão julgar, poderão acreditar na situação ou não.

E aí surgem outras questões o que fazer diante dessas situações? Se calar? Ou gritar? (para todos saberem o que acontece quando se é vítima), Excluir seu perfil na rede? Se privar de seus relacionamentos na internet? Ou se privar até mesmo de sua vida social? Denunciar? Para quem? Lutar por políticas de segurança na internet? Enfim, diante de tantos questionamentos o que devemos fazer? Algumas dessas questões tentaremos responder à seguir.



**Figura 6:** Se caso tenha sido vítima, como você se sentiu diante da situação?

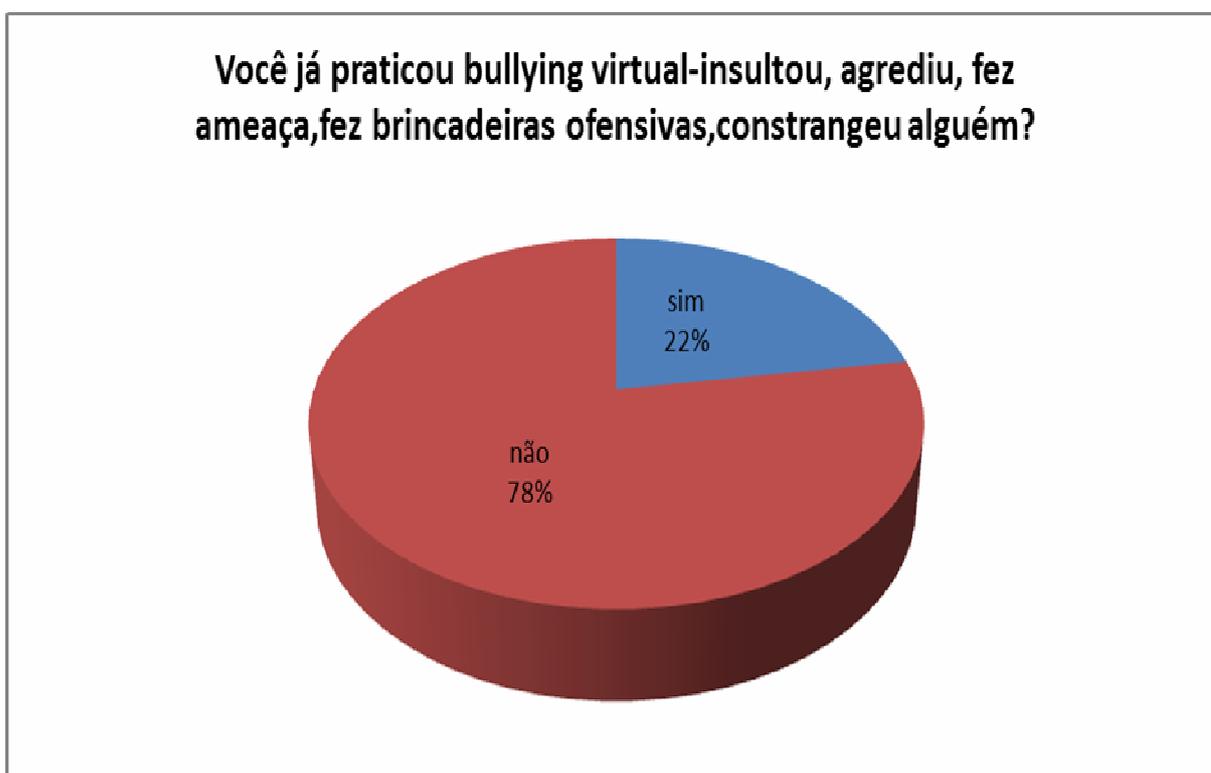
A questão à seguir fala sobre os sentimentos das vítimas diante da situação de serem intimidados via internet: 38% sentiu raiva, 37% sentiu-se humilhado, 13% não sentiu nada e 12% sentiu-se envergonhado. O que demonstra os sentimentos desses jovens que se sentem injustiçados por essa violência.

É difícil de falar sobre sentimentos, ainda mais quando é um sentimento de outro e não o seu, nunca vamos saber mensurar o quanto alguém está sofrendo ou não. Precisamos colaborar no que for preciso, melhor ainda quando a vítima conta a sua situação e procura ajuda, quantos devem sofrer calados muitas vezes e não falam nada a ninguém.

Curioso o fato de 13% relatar que não sentiram nada, talvez tenha sido algo “simples” que não causou muita repercussão, ou até mesmo, acabam se colocando na situação de vítima, de inferiores e acham que são merecedores, e provavelmente poderão se tornar um agressor e também irão praticar o “bullying virtual” como vingança. Mas ao contrário do que se pensou as nossas vítimas nunca realizaram o mesmo com ninguém de sua rede social. Outro fato curioso é que das vítimas a maioria foi do sexo feminino, apenas um do sexo masculino, será que isso se deve ao fato de as mulheres serem mais frágeis, mais sensíveis? Com isso, não fariam

nada? Ou porque dão mais motivos para sofrerem essa prática? São mais frequentadoras das redes sociais? Novamente estamos levantando questões que surgem a partir da análise de dados, que talvez resultaria em estudo mais aprofundado quanto ao caso.

Quanto à diferenciação entre sexo masculino e feminino, podemos afirmar que na próxima questão apresentada o sexo masculino está na liderança de praticantes do “bullying virtual”.

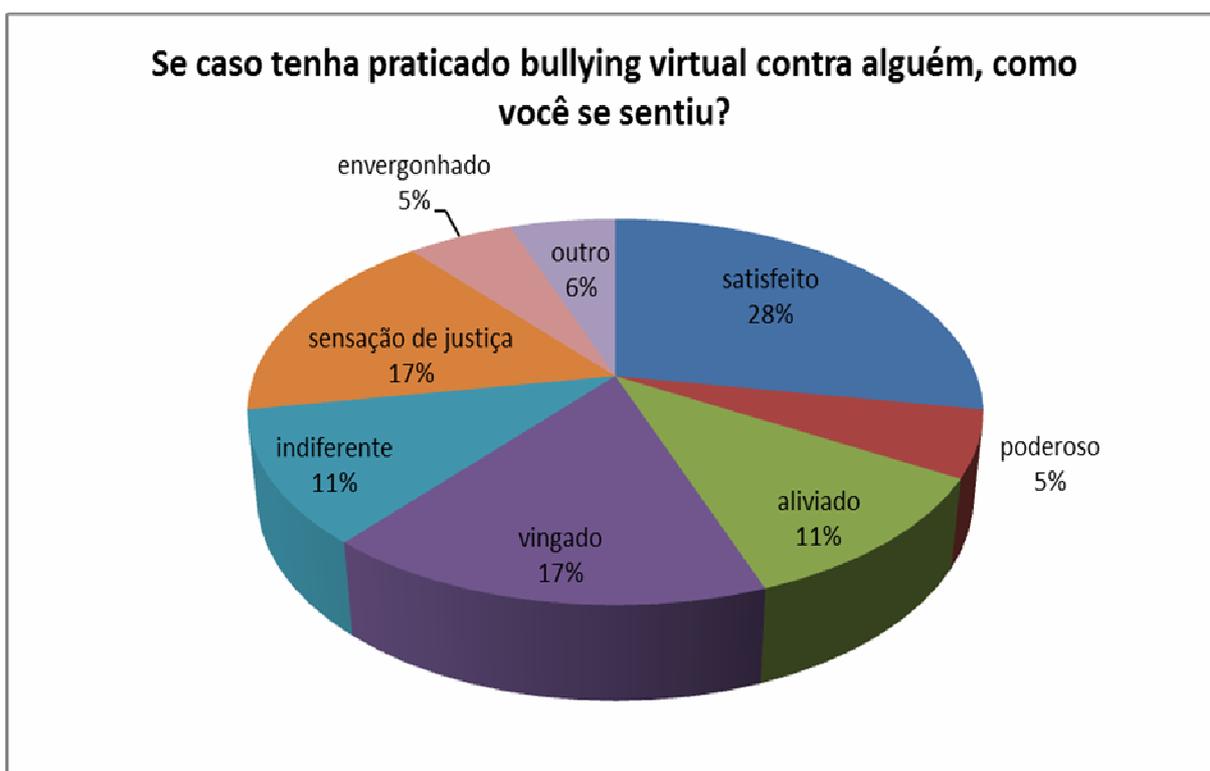


**Figura 7:** Você já praticou bullying virtual – insultou, agrediu, fez ameaça, fez brincadeiras ofensivas, constrangeu alguém?

Nesta questão tínhamos por objetivo identificar quantos dos participantes da pesquisa já haviam praticado “bullying virtual”, e 78% relataram que não enquanto 22% relataram que sim. Podemos perceber que o número de jovens que praticam o “bullying virtual” é mais que o dobro dos jovens que foram vítimas, apesar de conviverem muito próximos o número de vítimas felizmente é baixo, perto dos praticantes.

Constatou-se que há mais praticantes do que vítimas, e todos os que praticam o “bullying virtual” nunca foram vítimas, como relatamos anteriormente que dos participantes que já foram vítimas nenhum deles já praticou contra alguém.

É preocupante esta situação, pois o número pode aumentar cada vez mais, pelo fato de não terem sido vítimas, acabam criando uma segurança em si mesmo e achando que nunca acontecerá com eles, e o pior de tudo é que quando divulgam isso para os demais colegas podem estar os incentivando à fazerem o mesmo.

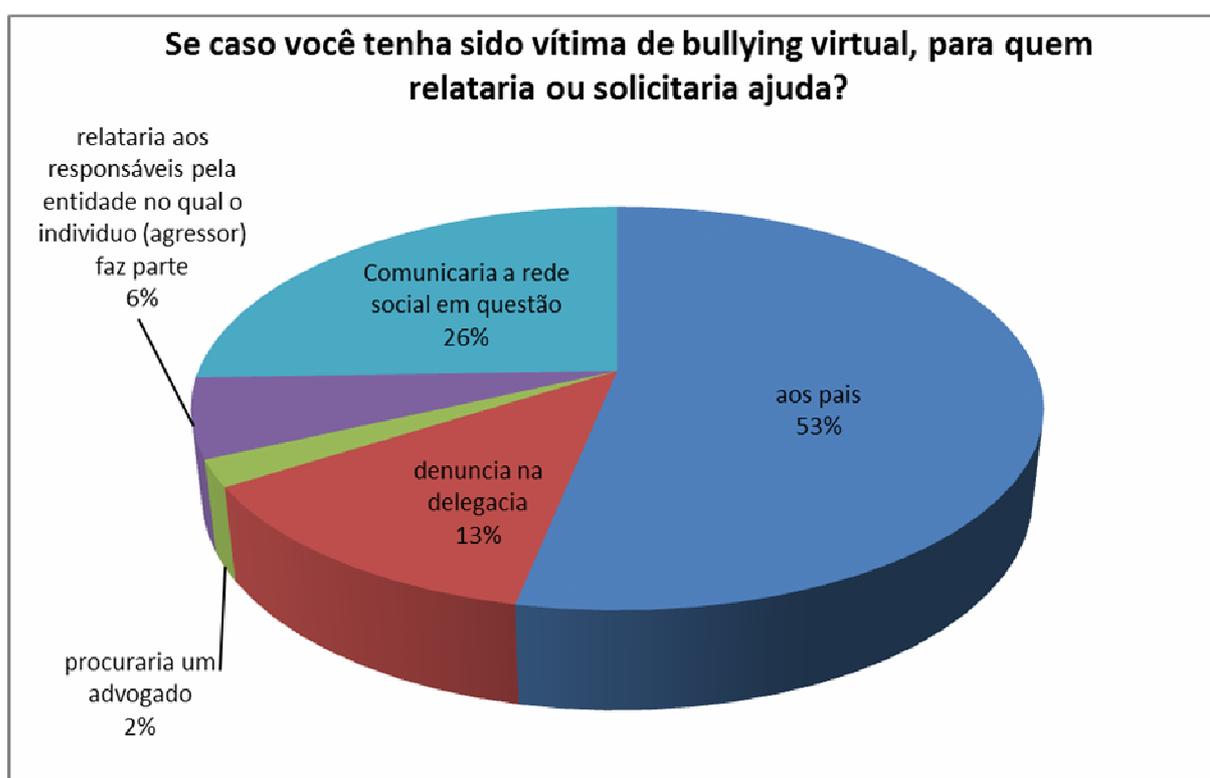


**Figura 8:** Se caso tenha praticado bullying virtual contra alguém, como você se sentiu?

A questão agora é quanto aos sentimentos de quem praticou o “bullying virtual” contra alguém como ele se sentiu nesta situação, dos praticantes 28% sentiu-se satisfeito, 17% sentiu uma sensação de justiça, 17% sentiu-se vingado, 11% aliviado, 11% indiferente, 6% outro, 5 % envergonhado e 5% poderoso.

O sentimento que mais se destacou foi o de satisfação, o praticante gostou do que fez. Em seguida, outro sentimento que se destacou foi a sensação de justiça e de vingança. Os praticantes também sentiram-se aliviados, indiferentes, envergonhados e poderosos. Ninguém mostrou-se arrependido ou com pena de quem maltratou como demonstra no gráfico.

Esses dados podem dar a entender que, muitas vezes, o bullying ocorre em função de alguma razão anterior, de algum desentendimento com um colega, de algum problema de relacionamento, de alguma situação que faça o praticante acreditar que precise se vingar, por exemplo. Nesse sentido, a forma como os estudantes resolvem questões problemáticas de seu convívio com colegas pode ser apontada como mais um desafio a ser trabalhado pela escola.

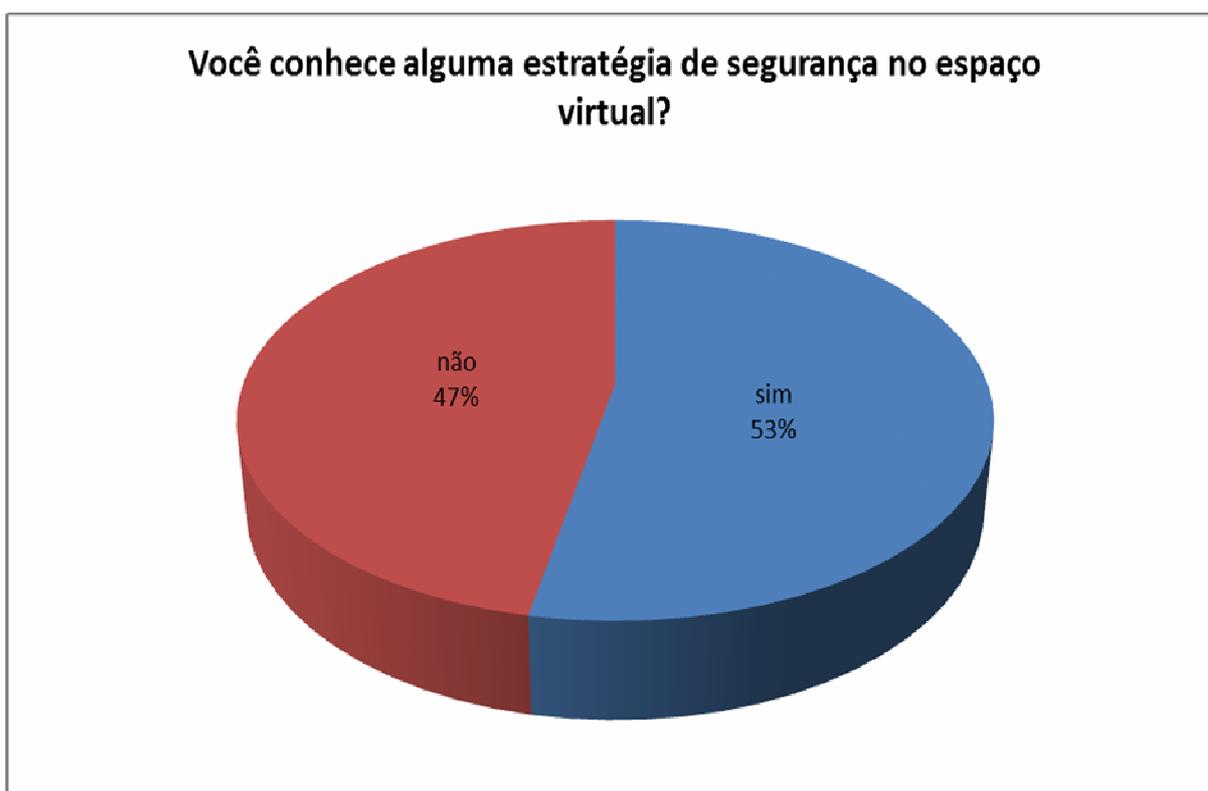


**Figura 9:** Se caso você tenha sido vítima de bullying virtual, para quem relataria ou solicitaria ajuda?

Na próxima questão perguntamos aos participantes no caso de terem sido vítimas, para quem eles iriam relatar e solicitar ajuda, 53 % relatariam aos pais. Esse número é muito importante pois mostra que os pais estão passando uma segurança para seus filhos, pois caso contrario, eles poderiam procurar outras pessoas. É muito importante que solicitem sempre a ajuda de um adulto, pois relatar seu sofrimento para alguém sempre é o melhor caminho, não resolve nada ficar em silêncio, é preciso denunciar e não sofrer sozinho. Após muitas leituras e pesquisas que apontam que a vítima de “bullying virtual” deve ser logo tratada, pois sofrer o mesmo pode trazer consequências muito grave para sua formação psicológica,

criando traumas que podem interferir no desenvolvimento de sua identidade. Se solicitarem ajuda será mais fácil superar este momento.

Novamente retomarei este assunto, pois é fundamental que pais e professores fiquem sempre atentos e acompanhem sempre, orientando seus filhos sobre os “perigos” da internet.



**Figura 10:** Você conhece alguma estratégia de segurança no espaço virtual?

Quanto a questão de estratégias de segurança no espaço virtual, 53% dizem conhecer alguma e 47% não conhecem. Sabemos que no Brasil não existe nenhuma política de segurança na internet, há uma liberdade onde cada um escreve o que quiser e posta onde quiser, não há regras para o uso da internet, cabe à cada usuário cuidar com o que expõe nas redes sociais das quais participa para não correr riscos futuramente. Frequentemente identificamos nas redes sociais as ações dos cyberbullings que criam perfis falsos com diferentes objetivos, mas geralmente são para difamar, e criar situações constrangedoras para a vítima escolhida. É comum publicarem montagens de fotos e vídeos, assim como enviarem mensagens se passando por outra pessoa, ou criando comunidades ou blogs onde também realizam diversas situações para denegrir a imagem de alguma vítima.

Recentemente o programa Fantástico, da Rede Globo de Televisão exibiu uma reportagem cujo objetivo era mostrar para as pessoas que, através das redes sociais que elas frequentam e através do que elas publicam em seus perfis, podia-se tirar muitas informações sobre suas vidas pessoais. A matéria convidou diversas pessoas que frequentavam um shopping para que fossem conhecer “um vidente” que ali estava, bastava dar seu nome e em seguida poderiam realizar a consulta. Encantadas com o “vidente” que tudo sabia sobre as suas vidas pessoais, essas pessoas ouviram dele a revelação dos detalhes mais íntimos e sensíveis de suas rotinas e histórias, como viagens recentes, vínculos familiares, tipos de emprego, números de telefone celular, os quais fizeram com que elas acreditassem que ele, de fato, possuía poderes paranormais. Após terminar a consulta lhes era revelado o que de fato estava acontecendo - atrás de uma cortina havia especialistas em desvendar crimes na internet que, de posse de computadores, acessavam imediatamente seus perfis em redes sociais, e passavam as informações ao “vidente” que convincentemente lhes dizia saber de tudo. Após a revelação, todos apavorados puderam refletir e pensar o quanto as suas vidas estavam expostas, e afirmaram que a partir daquele momento tomariam mais cuidado com as suas postagens na internet. (EXPOSIÇÃO, 2012)

Nos casos de quem é vítima de “bullying virtual” e tem suas imagens ou informações expostas em redes sociais ou criado, conforme relata (EXPOSIÇÃO, 2012) mesmo que entre na justiça para tirar as páginas do ar, o material com difamações está no servidor, situado nos Estados Unidos em São Francisco, que não tem obrigação legal de cumprir ordens da justiça brasileira.

Com isso, é fundamental que as pessoas tomem muito cuidado com a forma como usam a internet, uma vez que ela é uma ferramenta essencial e indispensável na vida das pessoas, que porém, permite que pessoas possam usá-la para o mal, para prejudicar os outros .

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após realizar muitas leituras, desenvolver uma pesquisa com estudantes de ensino médio e fazer uma análise acerca do bullying virtual, é possível chegar a algumas conclusões, sobre às quais me detenho a seguir.

No atual contexto de desenvolvimento e de investimento em novas tecnologias, é impossível olhar ao nosso redor e não perceber o quanto elas nos cercam, e o quanto elas oferecem como possibilidades e facilidades para o nosso dia a dia - da tecnologia mais simples como uma caneta até os mais avançados computadores.

Junto com os avanços e com a versatilidade dessas tecnologias, surgiu nos últimos tempos uma prática conhecida como bullying virtual ou cyberbullying, termo talvez ainda desconhecido pela grande maioria das pessoas, mas muito íntimo para aqueles que já são praticantes dessa violência que tem como meio de propagação a virtualidade. Mesmo que a maioria dos estudantes, por exemplo, não conhecem a nomenclatura “bullying virtual ou cyberbullying”, quando lhes é explicado do que se trata eles entendem exatamente como acontece na prática.

Cada estudante pode ser percebido em uma situação específica quando se trata de cyberbullying - ou são vítimas, ou são praticantes ou meros espectadores dessa prática. Em nossa pesquisa constatamos, felizmente, que o número de estudantes que se sentem vítimas é baixo, e mesmo aqueles que nunca passaram por isso manifestam um sentimento de desaprovação diante dessa situação.

Com a pesquisa pudemos concluir que muitos de nossos jovens estão na condição de espectadores, eles mais percebem a ação dos cyberbullying do que são vítimas dela. No entanto, mesmo percebendo que ela ocorre, não a denunciam, principalmente porque sabemos que não há ainda leis que regulamentem com seriedade a internet no Brasil. De acordo com diversos autores, isso, intensifica

ainda mais os cyberbullings, já que seus praticantes não temem punições, pois sabem que será difícil de identificar a sua identidade. No entanto, é preciso reforçar que ao não denunciar um crime desse tipo, se poderá estar contribuindo para o aumento deste fenômeno.

Cabe tanto para os pais quanto para os professores o desafio de tentar identificar quem são essas vítimas, para que se possa acompanhá-la mais de perto, dando-lhes todo o apoio necessário. Mas principalmente, a escola precisa criar espaço para discutir e envolver os alunos em diferentes situações para que estes possam se posicionar criticamente, o que pode contribuir e acrescentar em seus conhecimentos. Nesse sentido, uma formação constante sobre os usos das tecnologias e sobre os recursos positivos e negativos das redes sociais é uma pauta que deve estar presente nos diálogos da escola, e porque não em seus currículos e práticas cotidianas.

Na pesquisa realizada com os estudantes de ensino médio, chama a atenção o fato de que eles procurariam seus pais em primeiro lugar para denunciar algum tipo de crime ligado ao bullying virtual, o que demonstra que há uma confiança e uma segurança ligada ao núcleo familiar. É preciso, então, que os pais fiquem atentos quanto ao comportamento dos filhos, durante e após o uso dos computadores e demais meios de comunicação, que acompanhem sempre suas práticas e que mantenham com eles um diálogo frequente. É de suma importância conversar abertamente e refletir sobre o uso responsável dessas tecnologias.

Lembramos que nem sempre a escola é o palco direto dessa forma de ataque, mas é um espaço de relações pessoais e afetivas onde podem surgir conflitos, cujos desdobramentos podem se dar através das redes sociais de forma agressiva e ofensiva. O anonimato e a liberdade de expressão próprios da internet podem favorecer o surgimento e a continuidade de maus-tratos, mas é na escola que os estudantes encontram maior espaço de reflexão sobre suas atitudes, com discussões que podem e devem ampliar-se para a família e para a sociedade. Nesse sentido, recomenda-se que professores, pais, alunos e demais profissionais discutam entre si, encontrando maneiras de prevenir o bullying virtual, para melhorar a qualidade das relações pessoais e de ensino e aprendizagem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, João. **Cyberbullying**: um desafio à formação e à investigação. Revista Interacções, Santarém, v.5, n.13, p. 301-326, 2009.

Bandeira, C. M. (2009). **Bullying**: Auto-Estima e diferenças de gênero. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

BARCELOS, G.T., PASSERINO, L.M., BEHAR, P.A. **Redes Sociais e comunidades**: definições, classificações e relações. Artigo publicado na Revista Renote Novas Tecnologias na Educação. Vol. 8 nº 2, julho de 2010.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. Maria Luiza Belloni- 2 ed.- Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Mídias na Educação**: Módulo Introdutório - Integração de Mídias na Educação Etapa 1. Disponível em [http://webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/material/introdutorio/etapa\\_1/p1\\_01.html](http://webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/material/introdutorio/etapa_1/p1_01.html) Acesso em: 23/08/2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Mídias na Educação**: Módulo Introdutório - Integração de Mídias na Educação Etapa2.

BUCKINNGHAM, David. **Questionar é fundamental na Educação para as mídias**. Revista Nova Escola, janeiro de 2011.

CABRAL, A. J, MIRANDA F. A, PINTO J. J, SOUZA, M. CH. **Prática do cyberbullying e seus reflexos na educação**. Revista Int. Investig. Cienc. Soc. ISSN 2225-5117. Vol.7 nº1, julho 2011, pág. 91-110.

CARLSSON, U.; FEILITZEN, C. V. **A criança e a mídia**: imagem, educação, participação, Edições UNESCO Brasil, 2002.

CASTELLS, M. **A Galáxia na Internet**: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Tradução de Maria Luíza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003 b.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede** – a era da informação: economia, sociedade e Cultura. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005. a

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 7<sup>o</sup> ed, São Paulo: Editora Paz e Terra, 2003-a. Disponível em:  
[http://webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/material/introductorio/etapa\\_2/p2\\_03.html](http://webeduc.mec.gov.br/midiaseducacao/material/introductorio/etapa_2/p2_03.html)  
Acesso em: 26/08/2012.

EXPOSIÇÃO NA INTERNET DEIXA USUÁRIOS VULNERÁVEIS A GOLPES.  
Programa Fantástico. Rede Globo de Televisão. Exibido em 21 de outubro de 2012.  
13min57s. Disponível em  
<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0..MUL1681905-15605,00-EXPOSICAO+NA+INTERNET+DEIXA+USUARIOS+VULNERAVEIS+A+GOLPES.html>.

FONSECA, Carlos Alexandre Martins. **Cartografias do self no facebook**.  
Dissertação de Mestrado em Sociologia. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Coimbra, Portugal. 2010.

FREIRE, W; LEITE, L.S. **Tecnologia e Educação** - As mídias na prática docente.  
Rio de Janeiro: WAK Ed., 2008.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo. Atlas. 1991

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMÉS, G.R.; FLORES, J. G. E JIMÉNEZ, E. G. **Metodología de la investigación cualitativa**. Archidona: Ediciones Aljibe, 1996.

JAHNKE, Letícia T.; GAGLIETTI, Mauro. **O avanço tecnológico e os conflitos comportamentais nas redes sociais - o cyberbullying**. Trabalho apresentado no 1. Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade, Santa Maria/ RS, 2012.

LEÃO JÚNIOR, Cleber Mena. **As redes sociais e o cyberbullying**. 2011. Trabalho apresentado no 10. Congresso Nacional de Educação, Curitiba, 2011..

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Pierre Lévy, tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MACHADO. Ana C. T, **Novas formas de produção de conhecimento: utilização de ferramentas da web 2.0 como recurso pedagógico**. Artigo publicado na Revista Udesc virtual. Vol. 1 nº 2, 2008.

MOLINA, Rosane M.K. (1999). **O enfoque teórico qualitativo e o estudo de caso: uma reflexão introdutória**. In MOLINA NETO, Vicente e TRIVIÑOS, Augusto N.S. A pesquisa qualitativa na Educação Física – Alternativas metodológicas (95-105). Porto Alegre: Sulina.

MORAN, José M. Especialista em mudanças na educação presencial e a distância. Artigo publicado na **Revista Ciência da Informação**, Vol 26, n.2, maio-agosto 1997, pág. 146-153.

PINHEIRO, Luzia. **Cyberbullying em Portugal: uma perspectiva sociológica**. Portugal: Universidade do Minho, 2009.157f. Tese de Mestrado Sociologia/ Desenvolvimento e Políticas Sociais, Universidade do Minho, Portugal, 2009.

PONTE, V. M. R, OLIVEIRA, M. C, MOURA, H. J, BARBOSA, J.V. **Análise das metodologias e técnicas de pesquisas adotadas nos estudos brasileiros sobre balanced scorecard**: um estudo dos artigos publicados no período de 1999 a 2006. Tese de Mestrado em Administração de Empresas. Fortaleza.

Silva, A. M & Moreira, M. A (2009, Org.). **Formação e Mediação Sócio-Educativa**. Porto: Areal Editores.

SIMÃO, João. **Facebook vs Google**. 2012. Disponível em: <[http://www.comunicamos.org/artigos/facebook vs google](http://www.comunicamos.org/artigos/facebook%20vs%20google)> Acesso em: outubro 2012.

SIMÃO, João. **Redes sociais**: história, descrição e utilização. 2008. Disponível em:<<http://www.comunicamos.org/jornalismo/redes-sociais-historia-descrio-e-utilizaes>> Acesso em: outubro 2012.

SOUZA, Carlos Henrique M. **O cyberbullying na escola e suas relações com as redes sociais**, 2012. Trabalho apresentado no 2. Fórum Mundial de Educação Profissional e Tecnológica,2012.

STRAUSS, A. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TOGNETTA, L.R.; BOZZA, T. L.. Cyberbullying: quando a violência é virtual – Um estudo sobre a incidência e sua relação com as representações de si em adolescentes. In:GUIMARAES, Áurea M.; PACHECO E ZAN, Dirce Djanira. **Anais do I Seminário Violar: Problematizando juventudes na contemporaneidade**. Campinas, SP: FE/UNICAMP, 2010.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

## ANEXO A – QUESTIONÁRIO

QUESTIONÁRIO:

IDADE:

SEXO FEMININO ( ) MASCULINO ( )

SÉRIE:

- Onde você tem acesso a internet?

( ) em casa

( ) na escola

( ) celular

( ) na casa de amigos

( ) lan house

( ) no ambiente de trabalho

- Você utiliza alguma rede social?

( ) Facebook

( ) Orkut

( ) MSN

( ) Twiter

( ) outros

- Você acha que existe uma idade adequada para o uso de uma rede social?

- ( ) a partir dos 18 anos
- ( ) a partir dos 16 anos
- ( ) a partir dos ..... anos
- ( ) qualquer idade

- Você já identificou a ação de bulliying virtual na sua rede social?

- ( ) sim      ( ) não

- Você já foi vítima de bulliying virtual na sua rede social?

- ( ) sim      ( ) não

- Se caso tenha sido vítima como você se sentiu diante da situação?

- ( ) humilhado
- ( ) envergonhado
- ( ) desesperado
- ( ) com raiva
- ( ) angustiado
- ( ) impotente
- ( ) conformado
- ( ) triste
- ( ) desanimado
- ( ) revoltado

- com medo
- indignado
- constrangido
- não senti nada
- outro

• Você já praticou bullying virtual - insultou, agrediu, fez ameaça, fez brincadeiras ofensivas, constrangeu alguém?

- sim                       não

• Se caso você tenha praticado bullying virtual contra alguém como você se sentiu?

- satisfeito
- poderoso
- aliviado
- vingado
- indiferente
- sensação de justiça
- arrependido
- envergonhado
- com pena de quem maltratou
- outro

• Se caso você tenha sido vítima de bullying virtual para quem você relataria ou solicitaria ajuda?

( ) aos pais

( ) denuncia na delegacia

( ) procuraria um advogado

( ) relataria aos responsáveis pela entidade no qual o indivíduo (agressor) faz parte

( ) comunicaria a rede social em questão

• Você poderia descrever quais são os tipos mais comum de agressão virtual?

• Você conhece alguma estratégia de segurança no espaço virtual?

( ) sim

( ) não